



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ALANE JUSSARA DA SILVA LUCENA**

**(entrevista)**

**João Pessoa, PB**

**2019**

**LECCORPO-CEFIS-UNIVASF**

**ESEFID - UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



Fotografia produzida, em junho de 2019, em João Pessoa (PB). Alane Jussara da Silva Lucena.

**Projeto:** Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias, dissertação de autoria de Maria das Dores Pinto Sant’Ana Lima.

**Número da entrevista:** E-915

**Nome da entrevistada:** Alane Jussara da Silva Lucena.

**Local da entrevista:** João Pessoa (PB).

**Entrevistadora:** Maria das Dores Pinto Sant’Ana Lima.

**Data da entrevista:** 05/06/2019.

**Transcrição:** Maria das Dores Pinto Sant’Ana Lima.

**Copidesque:** Maria das Dores Pinto Sant’Ana Lima.

**Pesquisa de termos:** Maria das Dores Pinto Sant’Ana Lima.

**Revisão:** Christiane Garcia Macedo.

**Total de gravação:** 02 horas e 45 minutos.

**Páginas Digitadas:** 78.

### Observações:

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual pratico para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em História, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: LUCENA, Alane Jussara da Silva. Entrevista concedida por Alane Jussara da Silva Lucena ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant’Ana Lima. UFRGS, UNIVASF, JOÃO PESSOA (PB), 05 jun. 2019, 81p.

## SUMÁRIO

Infância da árbitra e sua relação com o esporte; Reação familiar quanto à escolha em tornar-se árbitra; Processo de formação da árbitra; Primeiro jogo como árbitra federada e confederada; Questões de gênero na arbitragem; Treinamento físico para arbitrar; Cenário do futsal ao tornar-se árbitra e atualmente; Relações institucionais e interpessoais (Federação Cearense de Futebol de Salão, Federação Pernambucana de Futsal, Federação Paraibana de Futsal e Confederação Brasileira de Futebol de Salão - Futsal); Possíveis causas do número reduzido de árbitras de futsal; Definição de ser “mulher árbitra”; Pontos positivos e negativos em ser árbitra; Considerações finais.

João Pessoa (PB), 05 de junho de 2019. Entrevista com Alane Jussara da Silva Lucena (A.L.) a cargo do/a pesquisador/a Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima (M.L.) para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

M.L. – Entrevista com Alane Lucena, dia 05 de junho, às catorze horas e cinquenta e três minutos, em João Pessoa, Paraíba. Qual teu nome completo?

A.L. – Alane Jussara da Silva Lucena.

M.L. – Data de nascimento?

A.L. – 25 de agosto de 1976.

M.L. – Onde nasceu?

A.L. – Patos, Paraíba.

M.L. - Escolaridade?

A.L. – Nível Superior. Jornalista.

M.L. – Profissão?

A.L. – Jornalista.

M.L. – Exerce?

A.L. – Hoje, não.

M.L. – Alane, gostaria que você me contasse como foi a sua infância e a sua relação com o esporte.

A.L. – Aí, gente [riso]... Olha, a relação cem por cento, né, com o esporte. Eu... a gente... eu tive uma infância maravilhosa. Se eu pudesse eu voltaria para vivê-la novamente, né, mais assim de brincar, de correr, de praticar esporte, de liberdade - na verdade, porque hoje a gente não tem, a gente não vê as nossas crianças... Minha sobrinha, ela tem treze anos, ela não sabe correr, porque se ela correr, ela bate uma perna na outra e cai, né? Então a gente já teve uma infância bem diferente. Eu tive uma infância, assim, feliz demais, maravilhosa. Se eu pudesse eu viveria tudo de novo. Eu comecei a trabalhar com esporte aos nove anos de idade, esporte de competição, né? Minha mãe chegou prá mim... Há duas casas da minha residência tinha uma academia de judô e ela chegou prá mim, eu tinha nove anos de idade, ela chegou e perguntou o que era que eu queria de presente de aniversário e eu disse a ela que eu queria fazer judô, né? E fiz realmente até dezesseis anos de idade. E também na escola a gente já tinha... eu levava a *bola* no terceiro ano do ensino fundamental um, né, eu levava a bola, os cartões e o apito prá gente jogar na escola. Então prá mim o esporte é... Minha vida inteira foi assim, né? E assim, eu acho que da minha família eu sou a única que entrou nesse ramo. Todos os outros... Minhas irmãs não fazem atividade física - estão fazendo agora, depois de velhas, por causa da saúde [riso], mas nenhuma delas foi prá área de esporte; meu irmão também não. Mas assim, minha infância foi toda linkada com o esporte, né? Eu ia prá escola, estudava de manhã - sempre estudei em escola particular - estudava de manhã e à tarde... Eu chegava em casa, almoçava, tomava banho e voltava prá escola prá jogar. Aí jogava vôlei, futsal, handebol, basquete. Jogos Escolares, Jogos Internos que tinha lá no interior, jogava tudo. Fazia natação, judô, fazia... Todas as modalidades que tivesse, eu fazia. Então assim, prá mim esporte é vida, é palpável, é cem por cento da minha vida desde a minha infância. Com quinze anos a gente vem embora – eu vim embora prá cá prá João Pessoa com a minha família – minha mãe veio embora e eu comecei também a praticar esporte por conta da faculdade, né? Eu tinha feito vestibular, tinha passado no vestibular na Federal e tinha Jogos Universitários e tinha uma equipe e eu fui jogar com o pessoal. Aí comecei a jogar futebol de campo, comecei a jogar futsal... Mesma coisa de novo. Só fiz manter o que vinha da infância prá cá.

M.L. - Esse teu envolvimento começou muito cedo... Como a tua família via seu envolvimento com o esporte?

A.L. – Olha, de uma forma muito natural, extremamente natural. Meu pai era meu maior incentivador. Sempre, sempre, *sempre!* Quando eu dizia que ia jogar, nunca tive problema de *preconceito* dentro da minha família em relação a isso. Nenhum momento minha mãe, meu pai, ninguém me cerceou o direito de praticar o esporte que eu quisesse. Futebol, futebol de campo, futsal, basquete, vôlei... *Não!* Em nenhum momento eu fui cerceada em relação a isso, tá? *Nunca!* Meu pai nunca me podou, minha mãe nunca me podou em relação a isso. Muito pelo contrário. Prá eles era uma coisa tão natural... Assim, a gente vivia pinotando no meio da rua, ia pinotar em outro canto, né? Então prá eles nunca teve problema não. Sempre tive um incentivo muito grande deles. Nunca me impediram de absolutamente nada. Minha mãe e meu pai nunca foram assistir a um jogo meu arbitrando. *Nunca!* E nem quero, não é? Mas não tinha, não houve barreira nenhuma em relação a isso.

M.L. – E te assistiram enquanto atleta?

A.L. – Também não. Nunca foram assistir jogo meu. Sempre... eles sempre trabalharam muito, os meus pais. Minha mãe e meu pai sempre trabalharam o dia inteiro. Então, na verdade, não tinha tempo prá ir, pegar um horário, como hoje tem muitos pais que vão, entendeu? Eu vejo gente do terceiro ano do ensino médio... Tem Jogos Escolares que a gente vai apitar, Jogos Internos da escola que vai pai, mãe, avô... “Meu Deus! Meu Deus! Como essa geração é diferente!” Mas não, nunca foram não. Nem assistir competição nenhuma minha, nem... Desde quando eu apito também nunca foram. Os únicos jogos que me viram apitando foram pela TV, porque felizmente ainda tinha esse recurso, né, mas fora isso, nunca, nunca tiveram presente não - nem eu também queria. Sei lá, meio estranho [riso] prá gente que tá apitando também, né?

M.L. – Ouvir umas pérolas?

A.L. – É... Tem umas pérolas que eles não precisam ouvir não.

M.L. – Alane, você diz que seus pais nunca tiveram preconceito com relação a nenhuma prática de esporte, né? Havia preconceito de outras pessoas pela prática do futebol, por exemplo, do futebol de salão ou de outros esportes tidos como masculinos?

A.L. – Olha, particularmente dentro da minha família eu nunca tive nenhum tipo de, de... nunca sofri nenhum tipo de preconceito ou comentários, né? Pelo menos que eu saiba, não, né? Mas deixa sem eu saber também... Se tiver tido, deixa sem eu saber também... mas nunca tive não, em relação a isso não, sabe? Eu acho que eu era... A gente sempre foi tão destemida lá em casa. As mulheres da família sempre foram muito destemidas em tudo. Então prá gente era natural. A gente sempre trabalhou fora, minha mãe sempre trabalhou fora, minhas tias sempre fizeram isso - então prá gente era até natural... mas eu nunca tive problema com o resto da família não. *Da família* nunca ouvi comentários não; muito pelo contrário, as pessoas até se orgulhavam de você está no esporte, você tá apitando, tá em competições internacionais, jogo de televisão e tudo mais. Sempre teve esse mérito. Nunca tive, sofri com isso não. Dentro da minha família não. Lógico que o público externo... a gente sofre sempre, todos os dias, né? Todo dia a gente sofre isso e continua sofrendo, mas da família não. Graças a Deus fui privilegiada em relação a isso.

M.L. – E como o futsal começa a fazer parte da sua vida? Porque você tinha uma prática esportiva que era diversa, era múltipla... e como é que o futsal passa a ser, digamos, a tua paixão, a tua prática preferida?

A.L. – Olha, foi à escola. Na verdade é isso, veio da escola. A gente no interior, em Patos, eu já tinha essa prática apesar de... o meu esporte favorito, na época, tinham dois, era o vôlei e tinha o judô. O futsal era meio ali que só prá você jogar os Jogos Escolares ou Jogos Internos da escola, mas quando cheguei a João Pessoa que fui terminar meu ensino médio, tinha uma equipe de futsal dentro da escola que eu estudava. Então prá mim, eu só fui linkar. Então fui, tinha um certo talento prá coisa e acabou que deu certo. A gente fazia Jogos Escolares e tudo linkou do ensino médio para a Universidade. Foi linkar imediatamente, porque a gente começou... Antes de ir prá Universidade, começou a jogar contra a equipe universitária. Tinha amistosos e tudo, fazia treinamento com elas. Então acabou linkando. Na hora que passei no vestibular, automaticamente a gente já subiu prá equipe universitária. E assim foi. O futsal foi assim. Ia prá JUB's<sup>1</sup>, Norte Nordeste, prá competições Abertas e competições Universitárias, Acadêmicas também. Então foi assim que o futsal se consolidou como esporte número um hoje.

M.L. – Você acompanha algum esporte ou futsal regularmente, hoje?

A.L. – Hoje eu acompanho poucos esportes. Eu acompanhava mais. Sempre fui muito apaixonada por esporte. Assisto tudo, né? Futebol americano, tênis, vôlei... Basta ter vontade de, naquela hora, assistir. Prá mim não tem problema. Não acompanho jogos de futsal hoje, porque assim, quando a gente acompanha o jogo de futsal hoje, a gente acompanha a arbitragem. A gente não acompanha o jogo. Eu não vou apreciar o jogo, eu vou apreciar... automaticamente os meus olhos e a minha consciência vão tá linkados no árbitro. Então prá você hoje assistir um jogo, é a mesma coisa de você tá querendo apitar o jogo. Então não tem graça você assistir jogos de futsal. Eu assisto muito futebol que também tenho umas críticas, né? Não tem como a gente não criticar os caras que tão lá “vestidos diferentes”, né, no meio. Só têm eles contra todos, mas o olhar hoje é diferente, mas eu assisto todos os esportes. Ainda gosto muito.

M.L. – Tem alguma competição que a atraí em nível de Brasil ou em nível internacional?

A.L. – Não, nenhuma especificamente. Só alguns jogos interessantes. Quando têm uns clássicos europeus, Liga da UEFA<sup>2</sup>, aqueles jogos interessantes, né? Que têm personagens interessantes também, porque prá você ter história, você tem que ter personagem interessante. E aqui também só o meu Fortaleza que eu acompanho sempre. Todas as vezes que tem jogo do Fortaleza... eu acho que é o único jogo que eu digo assim: “Vou assistir meu jogo!” É o jogo do Fortaleza, hoje. Eu vivi quinze anos em Fortaleza e me apaixonei pelo Fortaleza Esporte Clube. É assim, eu sou apaixonada por aquele time. Ia *prá estádio*, todo fim de semana tava no estádio em Fortaleza. Então é uma coisa que sinto falta hoje depois que eu vim embora para cá, né, porque aqui não tem. Sempre teve uma cultura muito é... O nosso público aqui nunca apreciou o futebol dos clubes locais. Sempre torce por clube de fora - a maioria do eixo Rio, São Paulo - mas lá não. Lá em Fortaleza em me apaixonei pelo Fortaleza. Hoje meu time um é o Fortaleza e o meu time dois é o Flamengo [risos]. Antigamente era o contrário, mas hoje é a única hora em que eu digo assim: “Vou parar para assistir o jogo!” É o jogo do Fortaleza. Às vezes assisto jogo do Flamengo - quando eu não durmo, né? Ontem, por exemplo, teve jogo da Copa do Brasil. Eu assisti o

---

<sup>1</sup> Jogos Universitários Brasileiros.

<sup>2</sup> Union of European Football Associations (União das Federações Europeias de Futebol).

primeiro tempo e o segundo tempo eu dormi. Só acordei na hora do gol [riso], mas assim, de paixão, de paixão mesmo, de vontade, só assisto ao jogo do Fortaleza hoje.

M.L. – Então entra em campo à torcedora Alane?

A.L. – É, eu sou torcedora e xingo o árbitro também [riso]. Vou ao campo, fui a estádios - sempre ia quase todo final de semana - xingava mesmo os caras, porque tem uns caras muito ruins. Tem uns árbitros que pelo amor de Deus! Fico olhando assim: “Como é que os caras conseguem apitar?” Eu não entendo, eu não entendo, futebol é muito mais fácil de apitar do que futsal e eles se enrolam todinho... mas é muito da nossa cultura. Uma cultura que vem intrínseca, enraizada de muitos anos. Aí a imprensa ajuda, os jogadores ajudam a piorar essa... tudo isso aí, os *técnicos* também, né? Termina o jogo, o cara ainda fala: “Seu time vai [palavra inaudível] porque o árbitro errou um lateral, marcou uma falta ou deixar de dar um cartão que não influenciou em absolutamente nada no jogo”. Às vezes, muitas vezes acontece isso, essa cultura ainda de tudo... Quem perde culpa o árbitro. Não tem jeito, né? Então eu deixei de assistir algumas coisas por isso, mas eu sou, eu vou ao estádio. Quando eu vou, eu vou de corpo, eu vou como torcedora. Eu me visto literalmente de torcedora.

M.L. – Você já adentrou no mundo do futebol enquanto árbitra?

A.L. – Já. Tive minha primeira experiência quando ainda morava aqui em João Pessoa. Tava terminando a minha faculdade e a gente já era árbitra de futsal - eu e a Renata - e a gente fez o curso de futebol de campo. Eu fiz, terminei prova e tudo, mas não... Fiz alguns jogos, né, mas não abracei porque eu não gosto de... eu acho muito pesado, é muito rasgado o futebol, né? Prá gente é muito... a gente se expõe, fica muito exposta. Mulheres ficam muito expostas no futebol - pelo menos antigamente era. Hoje tá menos, né? Porque hoje tem as meninas que são assistentes, são assistentes de jogos grandes. Hoje tem essa diferença, mas antes não tinha. Eu era apaixonada pelo futsal e então preferi não abraçar o futebol, né? Porque eu não gostava de... detesto sol. Ficar quarenta e cinco minutos, *num tempo só*, no sol, correndo atrás daquela macharada todinha, é desgastante, na chuva, levar sol e chuva, lama. *Não!* Me deixa no futsal. Ali é quadra coberta, é mais sossegado, quando você junta os dois tempos dá uma hora de jogo. Então, prá mim, eu prefiro futsal,

né? Não me arrependo em nenhum momento. Tive até proposta lá em Fortaleza, quando eu cheguei, de integrar no quadro FIFA<sup>3</sup> do futebol, né, só que eu já tinha meu escudo FIFA. Eu já era FIFA de futsal em 2007 e eu não queria trocar o meu, que eu era apaixonada, porque na época eu era apaixonada, por um... Eu ia apitar o quê com o escudo FIFA de futebol? Ia apitar aonde? Não tinha, não tem o mesmo respaldo. Futebol não dá esse respaldo para as meninas. O futsal deu. Não sei se dará ainda, mas eu tive proposta, mas nunca tive vontade não; nunca me deu tesão de apitar futebol.

M.L. – Jogou futsal ou alguma outra modalidade por times ou agremiações?

A.L. – Sim, joguei. Joguei vôlei, joguei basquete, joguei... Isso tudo no ensino médio, né? E futsal também. A gente jogou, disputamos Campeonatos Brasileiros; Abertos também - antes da formação de oficial de arbitragem - Jogos Universitários, alguns; Competições Universitárias, muitas. A gente... Foi muito prazeroso na época. Era legal viajar, sabe? Era muito sacrificante porque o uniforme a gente tinha que comprar, você tinha que pagar sua passagem, sua alimentação, tudo. Tudo saía do seu bolso, mas era divertido, era divertido. Hoje perdeu a graça, perdeu a graça. Eu não vejo graça nessas viagens mais de Jogos Universitários. O povo hoje vai prá brigar, não vai mais prá se divertir, sabe? Virou muita competição e pouca diversão, porque na verdade era prá ser o contrário. O esporte era prá ser como uma diversão prá gente e hoje as pessoas, elas levam muito a ferro e fogo. Ou mata ou morre.

M.L. – E quando a Alane era atleta, jogava por qual equipe?

A.L. – Eu joguei aqui no... Aí nem lembro mais! Joguei no Jaguar, na Seleção Paraibana - fui Seleção Paraibana por vários anos, Jogos Universitários pela UFPB (Universidade Federal da Paraíba), joguei também alguns anos pela UNP (Universidade da Paraíba), porque a UFPB não classificou e foi a UNP representando. Então assim, de agremiações são poucas, mas me lembro do Jaguar mesmo e da Seleção Paraibana, que a gente tinha uma equipe fixa e disputava competições aqui.

M.L. – Sempre jogando futsal?

---

<sup>3</sup> Fédération Internationale de Football Association (Federação Internacional de Futebol).

A.L. – Sempre jogando futsal. Depois que eu entrei na universidade, só futsal; não joguei mais nenhuma outra modalidade não.

M.L. – Em que posição?

A.L. – Goleira.

M.L. – Você e Renata, né?

A.L. – A gente disputava a mesma posição, por incrível que pareça. Sempre houve esse lado de competição entre a gente. A gente sempre teve linkada por isso. A gente jogava na mesma equipe e disputava a mesma posição.

M.L. – Então provavelmente a foto que tenho lá de Renata como campeã dos Jogos Universitários, na modalidade futsal, você esteja naquela foto...

A.L. – Sim. Talvez eu... Eu não sei se estava, porque esse ano eu não fui. Teve uma competição que eu briguei com o técnico, não queria trabalhar mais com ele e não fui prá competição. Acho que foi esse ano que foi a Renata e as meninas foram campeãs dos JUB's. Acho que foi isso.

M.L. – Alane, quais foram os treinadores ou treinadoras que marcaram tua trajetória enquanto atleta?

A.L. – Olha, eu só tive dois treinadores enquanto atleta de futsal de competição que foram Antônio Gama, chamado de Gama da Paraíba, e Paulo Mendonça. Foram os únicos técnicos que eu tive, né? Tinha o meu professor Kel<sup>4</sup>, que era quando eu fazia ensino médio, né? Foi ele que na verdade linkou essa história do universitário também e essa sequência do futsal, mas os nomes que marcaram mesmo foi Antônio Gama, que a gente chama de Gama da Paraíba, que ainda atua, ainda trabalha, ainda encontro com ele muitas vezes, e Paulo Mendonça também, que encontro com ele *várias* vezes na semana, nas quadras, apitando jogos das equipes dele.

M.L. – E como é essa relação...

A.L. – Muito tranquila.

M.L. - ... da “referência” com o agora dirigente, o técnico com a árbitra Alane?

A.L. – Olha, eu sempre tive uma relação muito tranquila com eles, né? Desde a época de atleta e depois de ser atleta, a gente começou a apitar jogos deles também. Como a gente passou muito tempo fora, é interessante quando você volta prá casa e como você é recebida, né? É uma coisa tão... é como se a gente nunca tivesse perdido o contato. É como se a gente tivesse visto todos os dias de quinze anos prá trás. É muito tranquila a minha relação com eles. Sempre foi. Eu sempre fui uma pessoa muito, muito sossegada. Sempre procurei ter um equilíbrio emocional muito grande em tudo. Tanto quando era atleta como como árbitra também. Acho que hoje quem é... Um oficial ou um atleta que tem uma inteligência emocional boa, controlada, ele se destaca perante os outros. A questão emocional, hoje, prá pessoa conta muito e prá sua vida também todos os dias. Você se relacionar com pessoas é isso: é você ter um controle emocional. Discordância, você vai encontrar em todo mundo, né? Acho que foi... Eu acredito que foi a maior lição que o esporte me deu, que o futsal me deu, que a arbitragem me deu: é saber me relacionar com todos os tipos de pessoa hoje - do mais humilde ao mais rico, do mais inteligente ao menos... que teve menos oportunidades, né? Eu acho que o saber lidar com as pessoas hoje, foi o meu maior ensinamento do esporte, foi o que o esporte me deu na vida e que eu levo prá minha vida inteira, em todas as minhas relações, tanto se eu for prá uma faculdade assistir aula, dentro da minha casa, se eu for prum evento, seja lá o que for, as relações que... A forma como o esporte me ensinou a me relacionar com pessoas, eu levo prá minha vida pessoal. Com certeza o meu maior, minha maior lição do esporte é isso, foi isso que ele me deu.

M.L. – Alane, conseguiu fazer amigos ou amigas dentro do esporte?

---

<sup>4</sup> Nome sujeito a confirmação.

A.L. – Ah... *muitas!* É minha maior saudade na verdade, né? Assim, a gente que tá parando, já tá pensando em... Os amigos é o que fica prá nós no final. No final das contas, no final das contas, não importa mais nada, só os amigos que você conseguiu cultivar. Hoje se eu quiser ir prá Argentina, Uruguai, Peru, qualquer país da América do Sul, eu ligo prá minha amiga e digo: “Eu tô chegando aí”. Ela vai me receber na casa dela, entendeu? A gente vai curtir, vai se divertir, porque é *isso* que fica no final. A mesma coisa aqui no Brasil. Se eu ligar prá qualquer uma das meninas, no Brasil, elas vão me receber na casa delas. Eu acho que o mais importante são guardar, cultivar essas amizades, esses bons momentos, né? Porque no final de tudo, o que vai nos restar, Dôra, é: bons momentos e boas lembranças e bons amigos que você cultivou. Só isso, porque o esporte de verdade, os dirigentes, as instituições, elas *não* vão te dar retorno, infelizmente. Você tem uma carreira de vinte anos e você, no final é assim: “Tá. Acabou. Pronto!” Você saiu do quadro nacional, do internacional... Pronto. Acabou e PT saudações, sabe? E o que ficam são seus amigos, são as boas amizades que você cultivou. Têm muitos que também cultivaram boas inimizades, né? Faz parte, mas se você realmente começar a olhar e você tiver, pelo menos, nessa trajetória que você teve, vinte pessoas que você possa dizer: “São minhas amigas. Gosto muito delas. Tenho sentimentos bons...” e é recíproco, sua missão foi cumprida. Você conseguiu, porque, hoje em dia também é muito difícil, porque você vai competir com as pessoas, né? E tem gente que não sabe fazer isso. Acha que prá competir, prá ganhar das pessoas, tem que passar por cima delas, por cima de várias questões éticas e não é assim, não é assim que a gente vence, entendeu? De verdade, de verdade, não é assim que a gente vence. Você pode até conseguir um mérito por conta disso, mas você vai ser esquecida em vinte minutos depois que você sair daquele topo, sabe? Você perdeu seu escudo, ninguém vai lembrar-se de você. Você vai ser lembrada se você for uma pessoa boa, descente, companheira... aí você vai ser lembrada. Se não for, você vai ser esquecida assim, em dois palitos. Vai ser esquecida em... Você vai ficar para a eternidade esquecida, enquanto outros vão ficar para a eternidade lembrada. Porque é sempre muito bom você ir prá qualquer lugar... você trabalhou uma vez com uma pessoa ou passou só uma semana com aquela pessoa e você encontra aquela pessoa e parece que você viu aquela pessoa todos os dias. Então aquilo ali tem força, sabe? É *recíproco*. A reciprocidade da amizade, do companheirismo, assim, o respeito entre as pessoa é muito importante e hoje em dia é... Da forma como as coisas estão acontecendo, a gente não tem mais isso. Como eu disse prá você: não é mais divertido ir. A gente ia porque a gente queria ver as nossas amigas. Não

era pela competição. O dinheiro era pouco. Você passava duas, uma semana fora de casa, às vezes, até quinze dias fora de casa, né? E hoje não é mais assim, não tem *graça* mais você ir. As minhas últimas competições mesmo da CONMEBOL<sup>5</sup>, que eu tinha que ir, às vezes a gente passava quinze dias fora de casa, vinte dias fora de casa... Eu não conseguia nem ter um emprego, por que como é que eu tinha um emprego se eu tinha que viajar três, quatro vezes no ano, para passar vinte dias fora? Não tinha patrão no mundo que me aceitasse. Então até isso é uma dificuldade e você não ter respaldo das instituições prá você se manter. Então é muito complicado, sabe? E as últimas competições que eu fui, quando chegava... Eu saía daqui, passava três dias lá e queria vir embora, porque eu não aguentava mais aquilo, aquela rotina. Ah, tinha hora prá acordar, aí tomava café e ia fazer parte física, depois da parte física tomava banho, almoçava, tinha que arrumar as coisas prá ir pro ginásio - passava o *dia inteiro* no ginásio - jogo, aquecimento, desaquecimento... era muita coisa. Uma cobrança muito grande e perdeu a *graça*, porque você acaba não se divertindo mais, entendeu? Não valia mais a pena e não vale mais a pena hoje. Prá mim hoje não vale mais a pena. Não me divirto, eu me aborreço.

M.L. – Alane, quando e por que você começa a arbitrar?

A.L. – Olha, foi uma coincidência, na verdade. Vai coincidir com o da Renata. Vai ser a mesma coisa. A gente foi prá uns Jogos Universitários, né? Teve aqui um Mundial Universitário que veio prá cá o Samuel Gobel, que era um excelente dirigente e que trabalhava muito bem com a arbitragem. Ele era da CBDU<sup>6</sup> e veio uma criatura prá cá, junto com ele, chamada Daniel Pomeroy - árbitro FIFA, elegantíssimo, uma pessoa... eu não tenho nem adjetivos prá descrever o Daniel. Não tenho, porque ele é um ser humano maravilhoso, uma alma perfeita, uma pessoa tão generosa que eu não... Custa prá eu encontrar uma pessoa tão generosa como ele em todas as minhas relações de tantos anos, entendeu? Porque ele, o Daniel, foi minha referência. Eu queria ser alguma coisa parecida com o Daniel. Quando ele veio prá cá, que teve esse Mundial, teve um curso de arbitragem e ele deu umas palestras e tudo. Então eu me apaixonei por ele, né? Por ele, pela vida dele, pela vivência dele, pela pessoa que ele é... Ele é uma pessoa... É um *gentleman!* Não tem como a gente descrever o Daniel. Eu não tenho como descrever o Daniel, sabe? E eu me

---

<sup>5</sup> Confederação Sul-Americana de Futebol.

<sup>6</sup> Confederação Brasileira do Desporto Universitário.

apaixonei. Pronto! Eu queria ser, eu queria ter aquela referência. Um dia eu queria chegar aonde ele chegou - ser árbitra FIFA. Claro que a gente tem que sonhar com isso. Quem trabalha com arbitragem, tem que sonhar em chegar ao topo. Quem não tiver esse objetivo, então pode parar porque você está no lugar errado, né? Isso faz parte. Então aí depois, logo depois, a gente teve uma viagem prá... A Federação aqui, a Paraibana, na época tava interdita, tava sob intervenção e não tinha jogos, não tinha futsal aqui. O único futsal que tinha era o Universitário, que era o que a gente jogava. Então a gente foi prá um JUB's, em Guarapari<sup>7</sup>, e na volta, o Bosco, que era... Hoje ele é o Presidente da Federação Paraibana e na época ele era o técnico da equipe masculina universitária e tava querendo fazer um trabalho para reabrir a Federação, prá tirar a interdição, e tava realizando uma competição com um amigo dele chamado Hérlton Soares, que é até falecido. Chamava-se Copa Esporte Ação. Então ele ia juntar os clubes, tentar fazer com que o futsal andasse aqui, principalmente a base, e ele perguntou se a gente não tinha interesse - perguntou a mim e a Renata - se a gente não tinha interesse em apitar, porque assim, a gente que trabalha com futsal, tem todo um link, fica mais fácil prá gente trabalhar com regras, apitar um jogo, do que uma pessoa que.... Então a gente tinha todo um link com a coisa. Sabia tudo da regra, era curiosa demais. A gente vivia fuçando essas coisas. Já tinha tido a experiência com o Daniel, tava com a experiência dos Universitários, a gente ficou meio empolgada e ele sentiu a empolgação da gente, pois ele era técnico da Seleção Brasileira, inclusive, e entregou dois livros de regra - um prá mim e outro prá Renata - quando a gente desembarcou do ônibus e disse assim: “Leiam. Qualquer coisa vocês me ligam e sábado vocês estejam lá no Esporte Clube Cabo Branco prá vocês fazerem um jogo”. Foi um negócio assim, meio chocante, mas a gente empolgada, claro que topou! Foi lá, *duas loucas* [risos], estudar minuciosamente aquilo ali e fomos prá essa competição, né? E foi assim que a gente começou. Depois dessa competição, a gente sofreu muito viu, porque o futsal aqui sempre foi muito complicado por conta dos pais, dos atletas, dos alunos, entendeu? E a Federação tava fechada, era a primeira competição e aí chegar duas meninas prá apitar... Só Bosco mesmo, *louco*, né? A gente o chama de painho, hoje em dia, porque ele realmente foi um pai prá gente nesse sentido. Sou muito grata a ele por ser... Minha gratidão a Bosco é eterna. Boa parte do que a gente é hoje, do que *eu sou* hoje como árbitra, *eu devo a ele*, porque foi ele que me incentivou, foi ele que me *colocou* ali dentro. Lógico que a gente com esforço nosso e tudo, desenvolveu, chegou ao ápice, chegou ao

---

<sup>7</sup> Cidade do estado do Espírito Santo.

quadro FIFA, mas tem um pedacinho dele ali. Dele, de Mayara<sup>8</sup>, que é uma pessoa que sempre esteve muito presente. A gente teve um problema com a Federação aqui, o ano passado, tava... Bosco na justiça e tudo e a gente: “Mara, vocês têm minha lealdade eterna. Eu sou leal a vocês no meio da rua. Não quero nem saber não”. “Por quê?” “Porque eu sou grata a eles”. Porque acho que é uma coisa importante que a gente tem que valorizar: a gratidão às pessoas que nos ajudaram em algum momento seja lá uma coisinha só, um conselhozinho; a gente tem que ser grata àquelas pessoas que nos ajudam. Então foi assim que começou essa aventura. Depois teve a desinterdição da Federação, trouxeram um árbitro prá... um instrutor prá fazer o curso aqui - eu não lembro o nome dele, eu lembro já - e a gente fez o curso e começou a trabalhar pela Federação. Quando foi no final de 2000, Douglas Gomes, que era o Presidente, me chamou na Federação e disse que tinha uma vaga para o quadro nacional e que ele queria me colocar. Só que não existia quadro feminino. Não existia. Tinham duas vagas na verdade, uma para anotador e outra prá árbitro. Ele ia me indicar como árbitra e Renata como anotadora e eu aceitei de pronto, *claro!* A pessoa no auge da juventude, querendo comer todo mundo, então... Aceitei de boa e foi assim que eu entrei no ano de 2000. Eu fui à primeira mulher no quadro nacional de arbitragem de futsal do Brasil, oficialmente. Oficialmente eu sou a primeira mulher do quadro nacional de arbitragem do Brasil. No ano de 2000, entrei no quadro masculino, inclusive seu Mário<sup>9</sup> ainda era vivo e eu não sei nem como ele deixou isso, porque ele não queria mulheres na arbitragem. Era muito conservador, muito... prá não dizer outra coisa, né? Eu vou dizer que ele era conservador, então ele não queria, mas ele tava muito doente, já tava na fase de transição, o Paraguassu<sup>10</sup> já tava assumindo e aceitou de pronto. Quando foi em 2002, veio minha primeira convocação pro Brasileiro, em Goiânia. Fui ao Brasileiro em Goiânia e voei de VASP<sup>11</sup> ainda [riso], a duras penas, porque chegou à convocação, depois fui desconvocada por questões financeiras e eu consegui uma passagem aérea de ida e volta e fui cumprir a escala. Chegando lá encontrei com a Jaque, que tinha acabado de subir pro quadro também e a gente trabalhou. Foi a primeira vez que trabalhou duas mulheres num Campeonato Brasileiro. Inclusive a gente apitou a final em 2002, em

---

<sup>8</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>9</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>10</sup> Paraguassu Fisher Figueiredo.

<sup>11</sup> Viação Aérea São Paulo.

Goiânia. SABESP<sup>12</sup> e Chimarrão foi à final lá e foi a primeira vez que a gente teve mulheres apitando jogo feminino, a final feminina de um Campeonato Brasileiro.

M.L. – Alguém te apoiou nessa decisão de tornar-se árbitra? Além de... Você referendou o Bosco, né?

A.L. – A gente teve apoios assim... não eram apoios oficiais. O único oficial foi de Bosco, né? Gama chegou e disse que realmente a gente tinha que fazer e tudo, mas o apoio foi muito mais a empolgação que a gente tinha mesmo, a vontade que a gente tinha de ir. A gente era muito ávida por conhecimento, por saber da regra e tudo. A gente estudava muito isso, então era mais empolgação mesmo de você quebrar barreiras e não sei... Na verdade, hoje, eu nem sei qual era a motivação que eu tinha de fato, né? Era mais porque a gente já jogava e tudo e era mais fácil prá gente. A gente tava dentro do ambiente... só que a gente não sabia que tinha que enfrentar tantas outras coisas de diferente. Depois... A gente já sabia que tinha uma dificuldade muito grande, porque a gente já praticava um esporte que era tido como esporte prá meninos e tudo e a gente sabia que tinha dificuldade, mas a gente não sabia que ia ter tan... que ia ser muito maior. O desafio da gente foi muito maior, mas a gente conseguiu vencer, superar isso e tamo aí prá contar a história.

M.L. – E como é que foi a Alane chegar ao quadro nacional em que tinha apenas homens? Aí chega Alane mulher nesse...

A.L. – Olha, assim... eu acho que a repercussão foi tão pouca, porque as pessoas na verdade nem acreditavam, né? Prá mim foi tão natural, assim... eu não vislumbrava a repercussão que poderia ter na época e que até hoje também tem, né? Então prá mim foi tão natural, assim... Aquilo ali prá mim era tranquilo demais, sabe? Eu não... eu nunca fui uma pessoa vaidosa em relação a isso, nunca. Eu almejava chegar longe, mas sem essa de... sem holofote, sem vaidade, sabe? Eu nunca fui assim. Prá mim tanto faz. Enquanto fosse divertido eu queria tá ali; é tanto que quando perdeu a graça, eu fui a primeira a pular fora, porque é muito complicado [riso], hoje em dia.

M.L. – Como é e qual foi à reação dos árbitros que... Prá você foi algo natural, né, a inserção foi muito tranquila. E prá eles?

---

<sup>12</sup> Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo.

A.L. – É... teve...

M.L. – Essa figura “diferente”, né?

A.L. – *Realmente!* A gente veio... é assim, eu me senti uma E.T, né [risos]? É, tipo... como a gente aqui, também, quando a gente começou a trabalhar com jogos, a gente ia prá jogos masculinos, né, jogos do adulto... a gente chegava no ginásio e todo mundo olhava prá gente: “O que é que essas mulheres tão fazendo aqui?” Então, assim, a gente meio que se sentia E.T., se sentia extra terrestre. Então a gente começou a tentar se acostumar com essa situação, com esses olhos em cima da gente, né? Existia a resistência, como... eu tive um problema lá em Goiânia, pois tinha um... um árbitro lá de Goiás mesmo, que ele era militar e o Paraguassu fez a escala e foi meu primeiro jogo com ele. Ele apitou *tanta falta no meu pé*, que eu fiquei assim... Era minha primeira competição, meu primeiro jogo, então eu fiquei muito... é... não intimidada, mas eu precisava primeiro saber em que terreno eu estava pisando. E... Eu não me lembro nem o nome dele, mas também nem vale a pena falar. Mas assim, era um cara assim... todo rigidozão, militar, nem sei o quê e tava ali apitando com uma mulher, né? Ele achava que a gente não sabia... Porra nenhuma de nada. Então prá mim foi muito tranquilo. O primeiro jogo realmente foi o mais complicado, porque é estréia e tudo, entendeu? Mas depois foi muito sossegado. Eu voltei a apitar com ele depois. Já foi um outro jogo, o patamar já foi diferente, né? Ele... ele se inibiu um pouquinho em relação a querer comandar as coisas, né? É tanto que no primeiro jogo eu fui árbitro dois prá ele e no segundo, eu fui árbitro um prá ele. Então ele já mudou de figura, já mudou o patamar das coisas, né? Mas assim, no início é sempre muito difícil. Eu fico pensando nas outras meninas, hoje, que elas não têm... é... vamos dizer assim... não têm o apoio que a gente tinha antes, né? Porque a gente tava começando e ainda era tudo muito bom. Hoje as meninas entram muito cruas, né? As pessoas as jogam na fogueira prá elas se queimarem mesmo, sabe, e têm muitas que se queimam de verdade, né? Porque você tem que saber onde você está pisando, você tem que ser inteligente prá se proteger, principalmente no início, prá você não se expor demais. Essa auto... essa superexposição das meninas as prejudica, porque no final... é... quando elas já estiverem com uma maturidade diferente, melhor, elas vão sentir essa diferença. Essa superexposição não é positiva. Eu acho que as coisas têm que ser feitas, ser inseridas de uma forma muito

tranquila e muito responsável, né? E hoje em dia eu não vejo isso no quadro, sabe? Eu vejo as meninas muito expostas e hoje tem muita vaidade.

M.L. – E além desse jogo, né, dessa pessoa que te marcou, como era a relação com os demais árbitros? Era tranquila? Como é que era essa...

A.L. – Não... Foi muito respeitosa, muito tranquila, né? É o que eu digo, assim, pelo temperamento que eu tinha... eu sou uma pessoa muito sossegada, sou muito discreta... e procuro e sempre procurei ser muito discreta nas coisas. Então eu tava chegando ali, eu era a coisa *estranha*, então eu que tinha que me moldar a algumas situações, né? E... Mas foi muito tranquilo. Os meninos foram muito receptivos, né? Até hoje tem um menino lá da Bahia, o Cristiano, que foi comigo, foi meu... Na minha primeira competição ele foi. Ele também era *novo* no *quadro*, ainda tava subindo no quadro. Tinha um pessoal mais antigo e tudo... Tinha o irmão de Ana Moraes, que foi também, que era árbitro do quadro nacional, antigão e também estava nessa competição, né? Então assim, foram as pessoas que eu consegui guardar, marcar. E tinha a Jack, né? A Inês também foi como... a primeira competição que a Inês foi como dirigente do feminino, né? Que foi como Diretora do feminino. Então, assim, eu fui, mas eu tinha uma retaguarda, né, porque já tinha a Jack<sup>13</sup> e já tinha a Inês<sup>14</sup>. Então eu não tava sozinha, eu tinha minhas companheiras. E assim, isso foi o início de uma grande amizade que a gente tem hoje. Assim, é... eu sinto muita saudade da Jack, sabe? Eu acho que não tem uma vez que eu encontro a Jack e que eu não começo a chorar, porque eu gosto muito dela, tenho um respeito *profundo por ela*, pela pessoa dela e pela profissional que ela sempre foi, sabe? E queria mesmo ter mais a possibilidade de ter mais contato com ela; fora a arbitragem, né, assim, o lado pessoal mesmo, porque a gente era muito próxima, né? E de uns anos... Depois desse tempo a gente acabou se afastando um pouquinho e eu sinto muita... Eu acho que é uma das únicas pessoas que se afastaram que eu sinto muita... é... falta, né? De verdade!

M.L. – Jaqueline é a Brasileira?

---

<sup>13</sup> Maria Jaqueline de Oliveira Cammarota.

<sup>14</sup> Inês dos Santos.

A.L. – É. De Brasília. Foi... foi nossa primeira final de Brasileiro apitado por mulheres. Fui eu e ela.

M.L. – Começaram a marcar história, né?

A.L. – *Com certeza!* Ela... com certeza teria muita história prá lhe contar. *Ela*, com certeza!

M.L. – Alane, o que a tua família achou, o que as pessoas mais próximas acharam dessa sua aventura no mundo da arbitragem? Deixa de ser atleta e passa a ser árbitra. Qual foi a reação da família e das pessoas mais próximas?

A.L. – Olha, assim, foi tão natural, porque eu passava muito tempo viajando, jogando, não sei o quê, então prá mim, é como diz assim... eu me visto hoje prá fazer um jogo e aí o Celso: “Tu vais jogar?” [riso] Minha mãe pergunta: “Tu já vai jogar, é?” [riso] Entendeu? Então prá eles...

M.L. – Então os papéis eram muito próximos, né?

A.L. – É, eram muito próximos. Prá eles não teve muita diferença não, do tipo, se eu ia jogar ou se eu ia apitar, entendeu? Prá eles era muito natural. Prá todos eles sempre foi muito natural essa minha situa... Esse meu lado aqui em casa sempre foi muito respeitado.

M.L. – E já comentaram com você, assim, a reação de te verem na televisão arbitrando um jogo, conduzindo uma partida?

A.L. – Sim, né, como [trecho inaudível] depois liga: “*Ai, filha!*” Aí eu liguei: “Mãe!”. Aí mãe liga pros primos tudinho e pros tios: “Porque eu não sei o quê...” “Ah, porque você tá na televisão!” Aquela coisa. É interessante, é engraçado, né? Mas prá mim não faz a menor diferença. Olha, prá mim, é... essa vaidade de: “Ah, porque fiz um jogo na TV... Ah...”, prá mim não conta. Em absolutamente *nada* na minha vida isso contou. Eu não tenho vaidade em relação a isso, não tenho, *zero vaidade* em relação a isso; muito pelo contrário, sabe? Eu procurava até me esconder, né? As pessoas me... é... uma vez uma pessoa disse

assim: “Você tem que aprender a receber os elogios igual você recebe as críticas, com a cabeça erguida”. Porque eu recebia as críticas com a cabeça erguida e os elogios eu baixava a cabeça, né? E essa pessoa um dia me disse isso. Mas é... elogiar prá mim, não vai me engrandecer, né? Então a vaidade que tem muito hoje, essa... Como eu diria? Essa superexposição prá mim nunca fez diferença, não. Num... não era isso que eu... não era isso que eu queria, não era isso que eu almejava. A intenção nunca foi essa, né, de estar nos holofotes, de estar na mídia... nunca foi essa a intenção. A intenção era chegar, fazer meu trabalho - que me dava prazer - e pronto, e ir prá casa e acabou. Hoje não me dá mais nem prazer apitar um jogo. A gente vai hoje mais por obrigação mesmo, sabe? Não é a mesma coisa, entendeu?

M.L. – Era a sensação do dever cumprido.

A.L. – É. Entendeu? Prá mim era tranquilo quando eu terminava o jogo que ia bem. Era ótimo... Ficava feliz. Se ninguém lembrasse quem era a árbitra que tava no jogo ficava melhor ainda, né? Prá mim era satisfação total. “Quem é que apitou aquele jogo?” “Não sei.” Então, *ótimo!* Então fiz o meu papel, como tem que ser hoje, né? Então hoje tem muito essa... é... o que atrapalha muito a arbitragem hoje é esse lado da vaidade das pessoas, sabe? O árbitro não pode querer ser a estrela do jogo, porque as estrelas do jogo são outras, entendeu? Então eu vejo muita gente se perdendo, *gente boa*, que sabe apitar e que quer *aparecer* mais do que os atletas, do que as equipes e não é assim. O nosso papel... A arbitragem não é esse o papel. A gente vai só mediar um... emoções e a regra do jogo e pronto. Você tem que cumprir a sua obrigação, o seu papel, e passar o mais despercebido possível. Esse é o seu papel hoje; o papel do árbitro é ser esse. Hoje em dia a gente não vê muito isso.

M.L. – Se... tornar-se invisível é o supra-sumo prá arbitrar, né?

A.L. – Prá mim era tudo. Se prá pessoas se tornar visível na mídia era tudo, prá mim, me tornar invisível era perfeito. É... Sempre foi assim na minha vida, então não vai mudar absolutamente nada. Mesma coisa de escudo FIFA, escudo não sei do quê... Terminava o jogo, era a primeira coisa que eu tirava do meu peito, era aquele escudo, porque as pessoas queriam tirar foto do escudo, não comigo. Então não tinha sentido [riso] nenhum tá com

aquilo, sabe? Então prá mim não tinha vaidade nenhuma não, muito pelo contrário, só trouxe mais ônus... teve mais ônus do que bônus, porque a responsabilidade ficou maior, porque na cabeça deles a gente não pode errar, né? Então: “Ah! Como é que é FIFA se você errou?” A gente é humana, né? É claro que as pessoas não entendem isso. Então teve muito mais ônus do que bônus.

M.L. – Até porque quem media a situação não é o escudo, é a Alane árbitra.

A.L. – *Com certeza!* Exatamente, entendeu? Então eu... em alguns momentos eu... me vi nessa situação, sabe? E isso me gerava um desconforto muito grande. Eu... é... eu não queria que as pessoas confundissem a pessoa com o escudo, entendeu? Eu acho que a gente tem que ter uma distinção muito grande disso. Hoje em dia as pessoas... essa vaidade toda de estar com o escudo no peito, prá mim isso não valia absolutamente nada. Se depois que você tira o escudo ninguém lhe respeita! Então respeita o escudo e não você.

M.L. – É...

A.L. – Né? É bem isso.

M.L. – Alane, como estava o futsal na época que você começou a sua jornada como árbitra? Tinham muitas competições? Como era o cenário daquela época?

A.L. – Olha, eu costumo dizer que eu já estive no tempo das vacas magras, das vacas *robustas* e hoje a gente nem vaca tem [risos]. É bem essa aí a realidade do futsal hoje - a gente nem tem vaca. As vacas... Quando eu comecei eram as vacas magras, né? Tava num momento de transição do futebol de salão para o futsal, porque houve uma transição muito grande quando veio a FIFA e incorporou o futebol de salão, né? Então assim, o jogo mudou muito hoje em dia. Hoje é muita força e velocidade. Antigamente a gente tinha era uma coisa mais cadenciada, tinha mais talento, tinha mais jogadas diferentes, né? Então hoje é muita força física. O jogo mudou muito, a perspectiva da arbitragem também e a regra mudou muito também, né? Esse negócio de tá mudando a regra *todo ano*, isso só atrapalha o esporte, porque esse ano é assim, o ano que vem: “Não, não é assim mais não”. Aí volta o que era antes. Aí depois: “Não, volta o que era antes e antes de antes”. Então as

peessoas acabam não se adaptando, né? Não é como a regra de futebol. Tudo seria mais fácil se você pegasse o livro FIFA de futsal e só fizesse a transcrição e adotasse prá cá. Pronto! Resolveria muitos problemas do futsal do Brasil, principalmente em relação à arbitragem, porque aqui tem muita coisinha, tem muito mimimi na regra da gente, sabe? Na regra nacional. E que na FIFA é mais simples. Como no futebol, que é universal, né? Em todo canto que você vai, o futebol é a mesma coisa e o futsal muda. Sai, vai prá um canto, aí vai... Você vê que o Brasil é um país tão continental que de um estado prá outro muda. Então imagina em outros países, né? Então assim, quando a gente começou com a arbitragem, tinham poucas competições - quase não tinha competições femininas - e eram as competições que a gente poderia ir. Que eu acho isso um *absurdo*, né? Você num... só pelo fato de você ser mulher, você não ter... Você tem toda a qualificação ou até mais qualificação do que muitos dos meninos e você não vai porque você é mulher, né? Então isso aí já... você já começa a ficar revoltada por conta disso, mas a gente tem que se acostumar com isso também. Porque as coisas não mudam de um ano pro outro, de um dia pro outro, nem de uma década, nem de um século pro outro. No Brasil, daqui a um século, ainda vai ter muito preconceito contra a mulher, porque eu sofro preconceito *diariamente em tudo* que a gente vai fazer. Porque a gente não pode usar uma roupa que você quer, tem que usar roupa do que o povo acha que você tem que usar, né? Então a mulher sofre preconceito em *tudo, absolutamente tudo*. O fato de ser mulher já é... A gente já... Pronto! Nasceu uma mulher, *tá fudida!* Desculpa a expressão, mas é isso hoje. Então... E nós vivemos tempos muito sombrios no Brasil hoje, politicamente falando, socialmente falando. Você vê que em cinco meses de governo que é... tem uma visão diferente da que é prá ter sobre a mulher, sobre negros, sobre homossexuais, sobre tudo. Sobre questões sociais, porque hoje isso é uma questão social. A gente vê o aumento de feminicídio e agressões a mulheres cresceram *demais*, né? E as pessoas não estão parando prá pensar nisso ainda, mas isso é um reflexo de quem está no nosso poder, sabe? E... no início foi sempre assim também no futsal. Então a gente tinha poucas competições - tinha mais competições masculinas e os meninos ainda estavam na transição do seu Mário prá Paraguassu - e tava mudando ainda. Depois teve uma melhora muito grande, porque foi quando a Confederação se modernizou em várias coisas, tinha muito patrocínio e tudo. Então assim, eu já fui a cinco competições num ano. Competições femininas. *Cinco!* Eu já fui a cinco viagens. Teve ano que eu fui a cinco viagens. E era muito bom, porque a gente se via... de dois em dois meses a gente via as meninas, porque o grupo era ainda muito

reduzido, né? Tava começando a crescer ainda o grupo, mas a gente sempre via aquelas pessoas que tavam mais próximas da gente, sabe? E era divertido. A gente ia se divertir mesmo. Sim, tinha o jogo, a responsabilidade do jogo e tudo... fazia parte, mas não era isso que dominava o nosso ambiente, né? O que dominava era a festa da gente tá se encontrando, conversar, bater papo, tá ali com o pessoal, entendeu? E hoje é o contrário, o que domina só é essa questão do esporte, da competição, do não sei o quê, do jogo. Eu... quando eu vou sair com as meninas, com o pessoal que é do futsal e tudo, eu digo: “Gente, vamos! Tudo bem. A gente vai sair... Beleza, mas não vamos falar em futsal”. Porque mudou muito a ótica. E hoje a gente tá num... pior do que quando a gente... quando eu comecei, né? Acho que tem... quando tem uma competição no ano, feminina, é muito... *quando tem!* Porque eu acho que teve ano que nem teve, né? E o quadro da gente perdeu muita força. O quadro feminino chegou a ter mais de sessenta árbitras. O quadro, hoje em dia, não sei quantas tem, né? A gente perdeu muita força. O desporto feminino, o futsal feminino, também perdeu muita força, né? E a gente tá hoje numa situação *muito crítica* e... sinceramente eu não sei qual o futuro da arbitragem feminina desse futsal daqui prá frente. Eu espero que não acabe, mas a perspectiva é muito ruim, né? Primeiro que ninguém quer mais trabalhar com isso. As meninas sentem hoje uma dificuldade, né, e tem uma ou outra que aventura ainda, mas hoje a gente quase não tem evento feminino, não tem competição e ainda... ainda fica esse povo ainda brigando, dizendo que a gente não pode ir prá competição masculina... Isso é um absurdo! Hoje tem Taça Brasil sub 9, sub 8, tem sub 12... Se a gente não conseguir terminar nem um jogo desses, então é melhor nem botar o uniforme, entendeu? E... tem... a gente tem brigado muito por conta disso. Tem algumas pessoas que ainda brigam muito pela categoria feminina, pela arbitragem feminina e pelo *futsal* feminino, mas são muito poucas hoje que brigam.

M.L. – O que a motivou a fazer o curso de arbitragem de futebol de salão?

A.L. – A gente era atleta, né? Então ficava mais fácil e teve a história do Daniel. A minha motivação de querer entrar nesse ambiente, nisso aqui, foi aquilo ali, foi aquela pessoa que me encantou. Eu queria ser pelo menos parecida com ele. Se eu for pelo menos parecida com ele, eu já vou ficar muito satisfeita.

M.L. – E como foi esse curso?

A.L. – Olha, foi um... um Campeonato Mundial Universitário que teve aqui de futsal masculino, né? Bosco era o técnico da Seleção Brasileira e foi aqui em João Pessoa. Foi uma semana aqui, mais ou menos, essas equipes, acho que... não sei se tinha oito equipes de fora, fora o Brasil, e o Daniel era quem comandava a arbitragem da CBDU<sup>15</sup>, juntamente com o Samuel Gobel. E ele veio e fez esse curso aqui. Tinham palestras, tinham clínicas, né? E assim, eu fiquei encantada, apaixonada por aquela criatura, sabe? Aquele homem *enorme* com o coração maior do que ele! E eu fiquei muito impressionada com ele, sabe? Muito, muito! A elegância, a fineza, a educação, o tato que ele tinha com as pessoas, de falar com as pessoas, sabe? O Daniel tem uma luz diferente, tem uma luz diferente. Ele é uma pessoa completamente di... ele é diferente das outras. E eu me encantei, fiquei apaixonada e foi justamente quando linkou com a história de Bosco que ele chegou prá gente e queria saber... E a gente empolgada ainda como atleta, né? E a gente foi aventurar e foi mais uma aventura [riso].

M.L. – Lembra quando, Alane?

A.L. – Ah, foi... não sei se foi... ai meu Deus... não sei se foi em 1996, 1997... Foi por aí, de 1997 prá 1998. Foi... Não me lembro exatamente o período não, mas foi mais ou menos isso, de 1997 prá 1998.

M.L. – E aconteceu aonde esse curso?

A.L. – Foi lá no Liceu Paraibano. Teve algumas aulas lá e teve umas aulas aqui também no Centro de Ensino, aqui da Prefeitura, aqui na Beira Rio também. Aí a gente ia *todo dia* assistir os jogos, né? Lógico! Eu e Renata, a gente parecia rata de... de quadra. Ia todo dia assistir os jogos e já com aquela empolgação. E queria saber como é que era arbitragem, como é que era isso. E a gente desenrolou isso aí. Mais foi mais a paixão que eu tive, assim, amor à primeira vista pelo Daniel, sabe? Eu queria ser... eu almejei ser parecida com ele.

M.L. – Legal! Antes do curso você já arbitrava?

A.L. – Não, nunca na minha vida eu peguei num apito. A gente não... O curso que a gente fez foi depo... A gente começou a apitar nessas competições do Bosco, né? Porque ele fez essa Copa e tudo. A gente não tinha curso ainda. Ele entregou... A gente comprou apito (o meu apito era cor de rosa) e um par de cartões - que eu ainda tenho esse par de cartões. Não tenho mais o apito, mas o par de cartões eu ainda tenho. Foi o meu primeiro par de cartões. E eu... a gente começou a apitar e depois teve o curso. Pronto! Mas foi o único momento que a gente disse: “Vamos apitar um jogo”. Tirando aquele momento que eu levava a bola, o apito e o cartão quando fazia o terceiro ano do ensino fundamental [riso], meu segundo contato com a arbitragem foi logo nesse... foi muito próximo ali, foi logo depois desses jogos.

M.L. – E nesse levar a bola, Alane era a árbitra da partida?

A.L. – Não, eu jogava e... mas eu acabava o jogo na hora que eu queria [risos]. Em alguns momentos eu... eu fazia... eu apitava o jogo também, mas eu acabava o jogo na hora que eu queria. *Era tudo meu!* Eu era a dona da bola, do apito, do cartão [riso]. “Acabou, não quero brincar não!” Tava perdendo aí: “Acabou! Acabou!” Então era mais ou menos isso, mas era divertido, viu? Era divertido. Só eu de menina com o resto dos meninos, viu?

M.L. – Jogava entre os meninos?

A.L. – Só jogava com os meninos. Era. Era brava. Mas, era assim, sempre fui assim. Nunca tive problema com isso não, sabe? De tá num ambiente com os meninos. Também brincava... é... com os meninos na rua, também, e não tinha problema não.

M.L. – Então na tua infância esse brincar era mais com meninos do que com meninas?

A.L. – Mais com meninos do que meninas. Sempre foi, né? Tinha as brincadeiras com as meninas, com as primas, brincar de... Mas *na rua* a gente brincava com os meninos. Só eu. Minha irmã ficava só olhando, que ela era menor do que eu, né? Aí ficava só olhando a gente ficar... Eu e meu irmão, a gente brincava com os meninos mesmo, no meio da rua. Brincava de correr, de pega-pega, de se esconder, tudo... aquela... Sempre tinha muito e

---

<sup>15</sup> Confederação Brasileira do Desporto Universitário.

tinha muito primo. A gente tinha muito primo, pois a família da gente é imensa, né? A gente tinha muito primo, então a gente brincava muito e era muito bom. Meio da rua até oito horas e mainha que chamava a gente na marra prá ir, porque tinha que acordar cedo prá ir prá escola. Mas era no meio da rua, caía, arrancava pedaço do dedo, num... não importava.

M.L. – A pedra era o golzinho...

A.L. – Ah não, gente, não tinha isso não, sabe? A gente vivia livre, a gente tinha liberdade prá brincar naquela época e assim... Eu sou muito grata hoje pela infância que eu tive, né? Eu sou uma pessoa... Eu acho que eu sou uma adulta feliz, porque eu tive uma infância maravilhosa, né? É bem isso.

M.L. – Você lembra quando e como foi o seu primeiro jogo como árbitra de futsal?

A.L. – Olha, *lembrar*, eu não lembro não, mas foi bem tenso, porque era jogo de categoria de base. Os pais pareciam uns loucos na arquibancada e a gente começando, né? Era cru. E fui eu e Renata, não foi nem eu e outra pessoa ou Renata e outra pessoa. Fomos nós duas logo, mulher. Aí eu digo: “Meu Deus!” Os pais gritando e xingando e xingava mesmo, né? Tu sabes que eles num contam pipoca não, xinga mesmo, xinga até a terceira geração da gente, mas, assim, foi... foi só essa dificuldade, né? Mas assim, sempre procurei manter a tranquilidade, porque não adiantava também se estressar, se aborrecer... que não adiantava muito. Mas foi bem... Foi tenso, foram tensas as primeiras, mas depois a gente se acostumou, porque a gente vivia naquele ambiente. Aquela quadra, a gente já conhecia de cabo a rabo, porque a gente jogava, treinava, vivia aquilo ali. Então a gente tava no nosso ambiente, a única diferença eram os pais, né? Que... seu filho ali, não pode encostar no seu filho. Seu filho é prá ser tratado como criança, mas o filho do outro é como um adulto. Ainda é assim, certo? Ainda é assim. Mas a gente sempre teve muito cuidado com os meninos e eu sempre fui uma pessoa muito sossegada. Eu sempre procurei conversar com os meninos, educar os meninos, porque as crianças de hoje serão os adultos de amanhã. Então assim, se ele... se ele tivesse aquela... se ele soubesse a linha que a gente trabalhava, a gente não ia ter problema com eles mais velhos. E sempre foi assim, né? E hoje a gente tem... gente que nem joga mais. Eu encontro hoje com os meninos que os

filhos estão jogando, né? “Alane!” Vai, chega, fala, abraça e demora prá eu identificar quem é, né? Então dá um processo. E... mas assim, é uma satisfação muito grande, sempre, sabe? E eu acho... é legal isso. Você ser bem recebida e por pessoas que você expulsou, que você... naquela época e tudo, mas eles respeitam muito hoje, sabe? E eu acho que é isso que gratifica a gente.

M.L. – Então a estréia de árbitra de futsal foi com Renata Leite?

A.L. – *Foi, foi*, com ela. A gente sempre andou junto nessas coisas e sofreu junto também, choramos juntas muitas vezes também, né? Mesmo a gente distante, ela em São Paulo e eu em Fortaleza, mas a gente chorava muitas coisas, muitas injustiças que foram cometidas conosco, né? Mesmo a gente no quadro FIFA, né? Mas faz parte. Eu acho que só faz engrandecer o ser humano que a gente é hoje, sabe? Eu num... Se você disser assim: “Alane, você faria tudo de novo?” Eu digo: “Não faria”.

M.L. – Não faria?

A.L. – *Não faria!* Não deixaria minha vida pessoal, minha vida profissional por um futsal. Eu não faria. Não é um arrependimento, mas assim, eu acho que a gente tem que equilibrar, porque na verdade a gente se dedicou muito a isso e, como eu disse a você, a gente tinha... tinha que fazer cinco viagens por ano. Nas competições da CONMEBOL, a gente tinha que passar quinze dias fora, então assim, não tinha nem como ter um emprego. A vida profissional da gente tinha que ser assim meio... que tapando buraco, né? Não podia ter uma linha e tudo... Então assim, eu abri mão de muita coisa. A gente... a gente abre mão de tá final de semana em casa, com a família, com seus companheiros, suas companheiras, entendeu? Namorado, namorada. A gente abre mão disso, abre mão de relação, de... de você... do seu descanso, porque todo mundo tem o direito de descansar no final de semana e a gente abriu mão, porque a gente trabalhava, porque era o horário que a gente mais trabalhava, né? Então a gente... Eu tive muito problema com isso, em relações pessoais minhas. Meus relacionamentos tiveram problema com isso, porque eu me dedicava muito ao que eu fazia e as pessoas não entendiam por que você se dedica tanto a isso e as outras coisas ficam em segundo plano, sabe? E eu acho que a gente tem que ter um equilíbrio. Eu acho que... hoje, se eu pudesse fa... “Ah, Alane, vamos começar tudo de

novo”. Tá. Eu não ia repetir os erros que eu cometi e eu ia fazer uma coisa mais equilibrada, porque no final, quando você termina sua carreira, que você não tem mais tesão prá ir prá quadra apitar um jogo, você pára isso e aí?

M.L. – E agora?

A.L. – E agora? Eu construí o quê? Então esse lado, realmente eu... eu refaria. Não deixaria de ir s competições que eu fui, de fazer os jogos que eu fui, de *lutar* pelo que eu *acreditava*, porque sempre foi um ideal na vida da gente, né? Eu *acreditava* que era capaz daquilo e eu *queria* chegar àquilo ali e a gente chegou. Cê vê que somos privilegiadas. Eu me sinto uma pessoa, hoje, completamente privilegiada, porque eu tive lá... eu estive onde só, até hoje, seis pessoas estiveram - seis pessoas no Brasil inteiro. Porque o quadro FIFA foi lançado em 2007 com quatro: eu, Renata, Gisele e Catu. Eu e Renata somos mais velhas; Catu e Gisele são mais novas, né? São gerações diferentes, tem um *hiato* entre nós. A gente tinha um lastro e elas nos seguiram. Aí agora elas ficaram, as duas, prá dar lastro as outras meninas, né? Mas no Brasil inteiro em... o quê? *Quatorze* anos, só *seis* pessoas usaram aqueles escudos. E nós fomos duas delas, né? Então a gente não se desmerece em absolutamente nada. Eu apitei três Copas Libertadores, eu apitei quatro Copas América, eu apitei uma *final* de Copa América - que é a coisa *mais rara do mundo* um brasileiro apitar uma final de... de *qualquer* competição de futsal internacional. Eu fui à única brasileira que apitou uma final de Copa América, em 2015.

M.L. – Masculina ou feminina?

A.L. – Feminina. Então prá mim, eu sou uma privilegiada, eu não tenho do que reclamar em relação a isso.

M.L. – Chegou ao ápice.

A.L. – Então, o que é que eu tenho que reclamar em relação a muitas coisas? Às coisas que são feitas de forma *injusta*, porque você é de uma determinada região, entendeu? Então... É isso que a gente tem que contestar sempre. E é isso que eu *sempre brigo* e vou continuar brigando pela minha região.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]<sup>16</sup>

A.L. – É uma coisa que eu vou brigar sempre. São essas injustiças, porque você é mulher, porque você é nordestina, entendeu? E por que você tem que ser tratada de uma forma diferente? Por que as oportunidades não têm que ser iguais prá todo mundo? Se a sua capacidade é igual ou maior do que a do outro? Entendeu? Só porque você mora numa determinada região? Entendeu como é? Então assim, é uma coisa que eu sempre briguei. Em 2006, a gente teve uma competição na Bahia, que foi o meu divisor de águas de muitas coisas. Teve um... um racha muito grande no grupo da arbitragem e eu tomei um partido, eu tomei um partido por todas as outras. “Eu não quero fazer parte de panela. Eu acho que tá errado”. Porque tinha um grupinho, que eram as líderes, e faziam uma panela e achavam que tudo tinha que ser do jeito que elas queriam. E eu fazia parte desse grupo, porque eu comecei com isso. Então... Só que aquilo ali prá mim foi... deu o limite, porque existiam outras pessoas que tinham que ter a mesma oportunidade que eu tive, né? Então ali, prá mim, foi um divisor de águas. Foi no ano que foi anunciado o quadro FIFA, que foram anunciados os quatro nomes. Nessa competição estávamos todas lá, acho que talvez só a Catu não tivesse ido, eu acho que a Catu não foi, mas que ela era um dos nomes, então houve um racha, né? Naturalmente ia acontecer o racha, porque hoje tem um... você tem uma outra patente, né? Tinha uma patente só todo mundo e agora tem uma outra patente. Então já existia um racha muito grande no grupo ali e eu tomei meu partido e disse pro Paraguassu que eu não queria fazer parte de determinado grupo, de panelinha, que eu taria com todas as outras meninas e ia defender a minha região sempre, seja por cima de pau e de pedra, não queria saber não. Cansei, naquele momento, e tava no início, né? Com um risco muito grande, pois nem tinha recebido o escudo ainda [riso]. Mas, enfim, não me arrependo dessa posição que eu tomei não, sabe? Tive muitas discussões com algumas colegas nossas em relação a isso, porque... por menosprezar... “Porque o pessoal da região nordeste...”, “Porque o pessoal do Nordeste...” Falavam só assim, o pessoal do... “Ei, o pessoal do nordeste sou eu também, viu? Eu sou o pessoal do nordeste também”. E eu vou ser sempre, eu vou sempre defender. Por isso que eu vou fazer uma força *imensa* prá Ruthyanna<sup>17</sup> ser... entrar no quadro. *Vou!* O que eu puder fazer por ela, *eu faço de*

<sup>16</sup> A entrevistada atendeu ao telefone celular.

<sup>17</sup> Ruthyanna Camila Medeiros da Silva.

*coração*, porque ela é uma menina boa. Se fosse uma arrogante ou outra aí, eu lavava as minhas mãos, mas ela é uma menina boa, de formação, uma menina humilde, uma menina que tem um potencial *imenso!* Vou fazer o que eu puder e já disse a Mayara: “Esse ano ela vai fazer!” “Ah, minha tia...” “A gente com passagem dela, divide em vinte e quatro vezes e ela vai”. “Tem problema nenhum, Mayara, mas ela vai”. “Agora você vai fazer a sua parte. Vai comunicar a Paraguassu que ela vai fazer o teste”. Mesmo que ela: “Ah, passou com o pé nas costas. Ah, não tem vaga”. “Tem problema não. Ela tá aí. Ela tem que tá aí. Quem não é visto, não é lembrado!” Entendeu? Eu acho que tem que acontecer assim, porque como ela não tem oportunidade de tá em competições, tem que pelo menos tá figurando em outros ambientes. Você tem que fazer parte, você tem que tá ali e falar: “Eu tô aqui!” Porque Gisele e Catu<sup>18</sup> têm uma data limite também. Todo mundo tem, gente! Tem validade prá todo mundo.

M.L. – Então, no caso, entre as próprias meninas, nessa época que você fala, havia esse barreirismo?

A.L. – Existia, é. Existia...

M.L. – Ou seja, sou sulista...

A.L. – Também. E também tinha a questão de um pessoal que tava chegando e um pessoal mais antigo. Sempre tem aquele conflito, né? O pessoal mais antigo queria que fosse todo mundo igual, daquele jeito, seguindo aquela linha, né? Batendo continência sempre... Aquele regime muito... aquela coisa muito severa, muito rígida, não podia isso e não podia aquilo, e não é assim! São pessoas que estão chegando, são pessoas diferentes, com pensamento diferente. Você não pode impor nada a ninguém hoje em dia. Você tem que se habituar. É igual à política. Você... eu sou... nós somos seres políticos, porque nós temos que nos habituar ao contrário, sempre. Política é assim, tudo que é contrário ao que você pensa, é política. Então você tem que ser assim. Faz parte da vida da gente. Só que algumas pessoas não achavam desse jeito. Achavam que tinha que ser do jeito que elas queriam, aí eu: “Tá, então vocês fiquem aí que eu vou aqui com o resto. Eu sou do resto...” Fazer como diz o outro: “Me tratem como o resto”. E assim foi nessa minha

---

<sup>18</sup> Nomes sujeitos à confirmação.

trajetória. Não sei se por conta disso me prejudiquei ou fui prejudicada. Renata foi prá São Paulo, ficou num grande centro e eu fiquei aqui na minha região mesmo. Não sei se isso aconteceu, mas também prá mim não faz a menor diferença. Não faz.

M.L. – E aí, como é que foi a tua primeira competição como árbitra confederada?

A.L. – É... teve aquelas dificuldades do ambiente masculino, né? Dos meninos que tinham... É... Primeiro que eles nunca apitaram com uma mulher, sempre apitaram com os meninos. Então, assim, na cabeça deles a gente não sabia fazer aquilo, não tinha... né? E a dificuldade foi mais essa mesmo, mas o resto foi tudo tranquilo. Foi... Sempre é mais difícil o primeiro jogo, a primeira competição, faz parte, né? A primeira final que aconteceu... Mas eu achei muito sossegado, não vou mentir... Não tô aqui querendo ser melhor do que ninguém, mas prá mim foi muito tranquilo, sabe? Porque a gente tem que manter a calma nas coisas, saber onde tá pisando, saber chegar e saber sair.

M.L. – Aí Alane sai do quadro nacional, vai pro quadro FIFA... Eis que chega a sua primeira convocação internacional, e aí? Como é que foi esse primeiro contato?

A.L. – É, esse foi... foi muito diferente, porque assim, a gente já tava habituada a conviver com... com as pessoas da nossa região, né? A minha primeira convocação, eu fui prá uma Copa América, na Venezuela, né? E aí fez aquele processo... Tem que tirar passaporte, tem no sei o quê... se organizar... *quinze dias* fora de casa! Na verdade, nesse período eu passei vinte e dois dias fora de casa. Por quê? Porque eu fui quinze dias prá Venezuela, voltando direto prá Manaus, prá um *Grand Prix*<sup>19</sup>. Direto da Venezuela prá Manaus! Aí passei quase vinte e cinco dias fora de casa, né? Então foi meio *complicado* administrar tudo isso, mas foi *muito* boa a competição, porque assim, eu conheci pessoas, assim, *maravilhosas!* Tinha mui... um pessoal mais experiente, mas tinha muita gente começando e eu tive o privilégio de ir com Catu. Catu foi uma... sempre foi minha amiga, uma pessoa que eu gosto muito, uma pessoa extremamente... é... eu gosto demais da Catu. E a gente foi nessa... Nessa primeira competição foi eu e ela e o Paraguassu foi com a gente. Teve uma...

---

<sup>19</sup> Competição internacional de futsal semelhante à Copa do Mundo de Futsal, mas com países convidados e é realizado anualmente no Brasil.

M.L. – Masculina ou feminina?

A.L. – Feminina. Copa América Feminina. E teve uma dificuldade grande, porque era na Venezuela e tudo... Era a primeira competição da gente. E a gente teve essas dificuldades na questão de, de... da competição em si, né? A organização não disponibilizou o hotel da gente e tudo. Umás coisas burocráticas, mas no mais, assim... a gente como tava habituada a apitar qualquer coisa aqui, o jogo feminino prá gente ia ser muito natural. Então a gente foi de uma forma muito natural e eles tem uma expectativa muito grande, verem os árbitros de fora, de ver os brasileiros trabalhar. E ainda ver as meninas, né, porque era uma coisa nova. Só tinha... Na época que a gente... No quadro só tinha uma menina do Peru e só tinha mais dois países Sul-Americanos que tinham árbitras. E a maioria dos meninos, dos árbitros que foram prá Venezuela, eram masculinos. Só tinha eu, a Catu... Aí como é o nome da menina do Peru? Eu não lembro o nome dela.

M.L. – Então foi uma arbitragem mista?

A.L. – Foi mista, né? Não tinha quadro feminino ainda, tava começando ainda. E... Mas os meninos foram muito, muito receptivos com a gente, todos eles. Tinha muita gente... tinha uns meninos muito... tinha muito debutante!

M.L. – Hum.

A.L. – Então eles tinham uma expectativa muito grande de trabalhar com árbitras do Brasil, né? Mas foi muito bom, foi muito tranquilo também prá gente. Prá mim e eu acho que prá Catu também. Foi muito sossegado em relação ao jogo, o procedimento... Tem só a questão dos procedimentos que muda um pouquinho, né? Porque a gente tem que desligar uma chave daqui do Brasil, que é uma regra, e na FIFA tem uns procedimentos diferentes, então a gente tinha que desligar um pouquinho. Mas num... Em relação à dificuldade, a ansiedade e tudo, foi só a questão do primeiro impasse de tá viajando prá outro país e a gente passou dois dias sem falar com o povo da família, porque a gente não tinha como se comunicar, não tinha o whatsapp na época, né [risos]? Então a gente não tinha como se comunicar. Tinha que falar, fazer ligação telefônica só do telefone público.

A gente comprava o cartão prá poder ligar pro povo de casa. Então teve esse problema, né? Essa primeira viagem foi bem complicada. E, assim, a realidade dos outros países é muito diferente da nossa, sabe? A Venezuela, principalmente a Venezuela, naquela época, já 2011, já era assim, uma carência muito grande, uma pobreza muito grande. A única coisa que era barata lá era a gasolina, que é mais barata do que água, né? Com um dólar na época... na época o dólar tava dois e setenta, se eu não me engano... E um dólar você enchia o tanque do seu carro. Com dois reais e setenta centavos!

M.L. – Ave Maria!

A.L. – Entendeu? Então assim, essa diferença cultural é muito grande. *A língua!* Porque o Brasil é diferente de tudo, né, mulher? Só a gente que fala português e *todo mundo* fala espanhol. Então a gente chega e fica tudo estranho, porque o povo começa a falar... Tem um espanhol que eles falam muito rápido e você não entende *nada* do que eles estão falando. Têm outros que não, que você até desenrola. Aí a gente tem que até desenrolar isso também na vida, né? Mas: “Aí, *meu Deus!*” Mas é muito divertido. Foi *excelente* a viagem. Muito boa. Conheci pessoas maravilhosas, fantásticas. Não esqueço nunca aquela viagem, né? Talvez tenha sido uma das melhores que eu já tenha feito.

M.L. – Alane, você poderia apontar, hoje, quais foram os principais jogos masculinos e femininos que você arbitrou nessa sua jornada de arbitragem?

A.L. – Olha, masculinos... é... a gente trabalhou... vamos dizer assim, 80% do que eu trabalhei na vida, foi com arbitragem em jogos masculinos, né? Os principais jogos masculinos que eu apitei foram realmente os jogos que eu fiz no estado do Ceará, na categoria principal, né? Eu fui escolhida várias vezes a melhor árbitra do Estado, trabalhei em várias finais, semifinais. Jogo difícil, chegavam dois, três e eu tava no bolo, né? Então assim, eu não tenho como apontar diretamente, eu teria que fazer toda uma recapitulação, com calma, para poder te falar isso. Mas os principais jogos realmente foram às finais regionais do... Taça Brasil, várias, né? E tem... eu acho que mais de dez finais de Taça Brasil femininas. Taça Brasil; Campeonato Brasileiro de Seleções; Taça Brasil sub 20, eu acho que seguidas eu apitei seis ou sete. *Seguidas assim! Seguidas!* Só mudava a minha

companheira, né? Por quê? Porque o meu estado nunca tava nas finais. Tinha até esse detalhe, né?

M.L. – Esse detalhe... É...

A.L. – Mas... mas também pelo... Lógico! Pelo desempenho, pela desenvoltura que se tem em toda a competição, né? Porque final é um jogo diferente, né? Você sabe que tem que escolher um... uma pessoa que saiba conduzir os jogos e tudo. Então, hoje em dia, é mais... Futsal é mais você saber conduzir a partida do que você realmente pegar a regra e botar debaixo do braço, porque com a regra debaixo do braço você não termina *nenhum* jogo. No futsal, hoje, não. Isso é em qualquer canto. Então... E teve essa final de Copa América, em 2015, foi... A final foi Uruguai... Foi em Montevideú a competição. Eu apitei a semifinal e a final.

M.L. – Que é uma coisa rara!

A.L. – *Raríssima*, né?

M.L. – Se você apita semifinal, não apita final.

A.L. – Exatamente! Apitei semifinal e final. A final foi Colômbia e Uruguai e a Colômbia que ganhou o jogo. A Colômbia é um time muito bom, a Colômbia. E foi um jogo bem complicado, porque a quadra era apertadinha, era pequena né? E assim, eu fui mais prá... Meu papel principal mesmo foi dar respaldo às meninas que tavam chegando, né? Que tinham meninas que tavam começando a arbitragem internacional, as meninas da Argentina, as meninas da Venezuela. Então, na verdade, eu estreei todas elas, né? Fiz estréia com todas elas. Fiz jogo com a maioria delas e o que tinha que passar ali era mais esse suporte, né? Da experiência que a gente tinha, a carga que a gente tem de experiência prá passar prá elas. E foi muito bom, muito divertido, sabe? Me diverti muito, foi muito interessante. E o fato de você apitar final é uma consequência do trabalho que você faz, né? E eu apitei a final... Quando eu terminei a semifinal, aí o meu diretor chegou e disse: “Amanhã é você e fulana” - *na quadra mesmo!* Terminou o jogo ali, troquei de roupa e ele disse na quadra mesmo. Eu disse: “Tudo bem”. Fiquei muito lisonjeada, porque foi uma

competição... Por que que Alane apitou final e semifinal? Porque o Brasil não foi. O Brasil estando, a gente pára na classificatória. Nem apita semifinal e final. Quando a gente apita... A final do brasileiro é a decisão do terceiro e quarto, dependendo do jogo. Eles não colocam a gente prá fazer esses jogos, né? Então prá mim foi... Talvez o jogo mais importante de envergadura internacional foi realmente à final da Copa América 2015, né?

M.L. – Adulto feminino?

A.L. – Adulto feminino. A categoria principal, né? Semifinal e tudo... A gente nunca chegava. Chegava na classificatória, morria, né? E uma outra competição que eu fui, foi a Libertadores, lá no Chile, em dois mil e... faz três anos... Dois mil e...

M.L. – Dezesesseis?

A.L. – Acho que sim. 2016. E eu fiz uma competição no Paraguai em maio e em agosto eu... Foi meu aniversário de quarenta anos e eu passei com eles lá no Chile. Viagem fantástica! É um país maravilhoso. Santiago é uma cidade belíssima. Aconselho todo mundo, no dia que quiser ir num canto maravilhoso, vá à Santiago. Conhecer a neve, né? Conhecer tudo. É uma cidade maravilhosa e as pessoas ali são muito bem... sabem muito receber as pessoas, né? O pessoal do Chile. Tenho grandes amigos lá. E eu... A gente tinha feito... Ficamos fora eu e Gisele. Ficamos fora da seminal, claro! E a gente fazia terceiro e quarto. Só que a gente tava fazendo trabalho físico e a gente tinha folgado no sábado, porque são diferentes os calendários lá. No sábado a gente tinha folgado. Era o dia livre prá todo mundo. No domingo foi à semifinal e na segunda ia ser a final e a decisão de terceiro e quarto. É tudo trocado os dias deles lá, né? Não é como a gente de começar na segunda e terminar no domingo.

M.L. – Isso.

A.L. – Eles são... É uma mistura lá. E a gente fez um treino físico no domingo à noite... Enquanto terminava os jogos, a gente fazia o treino físico. E eu... e eu abri minha panturrilha três centímetros no treino e fiquei fora da decisão do terceiro e quarto. Ia ser eu e Gisele. Já seria minha... Uma outra final prá gente, né? Era Argentina e Uruguai, o jogo.

M.L. – Eita.

A.L. – O jogo prometia. Era um... Tavam se jurando a competição inteira, mas não deu certo porque eu rompi a... abri a panturrilha três centímetros. Foi bem complicada essa contusão. Voltei pro Brasil e passei quinze dias de muleta ainda... Foi o caos. Eu passei sessenta dias afastada da arbitragem, porque abriu muito, *rasgou* mesmo. *Nossa!* Nunca senti uma dor tão grande.

M.L. – Sempre competição feminina?

A.L. – Sempre femininas.

M.L. – As internacionais?

A.L. – É. Internacionais a gente sempre trabalhou com o feminino. As únicas internacionais que a gente trabalhou com o masculino foram os *Grand Prix* aqui no Brasil, porque todos os FIFAS iam, né? Iam as quatro meninas e os meninos, porque a gente no FIFA, a gente trabalha com cinco pessoas: um mesário, que na verdade não tem mesário na FIFA, é o regra... é o árbitro um e o árbitro dois, regra três e o cronometrista. Aí a Confederação sempre levava um anotador prá fazer súmula, porque fazia súmula online e tudo; então sempre trabalhava assim. E tinha que ir todo mundo aqui do Brasil prá diminuir a despesa da Confederação de trazer o pessoal de fora, né? E a gente sempre trabalhava em quintetos, né? Sempre tinha... Trabalhava misturado com os meninos e não tinha problema. Apitamos o jogo eu e as meninas, ou com os meninos e não tinha problema nenhum. A gente já tava... Já tinha uma desenvoltura muito grande em relação a isso, sabe? Não era problema nenhum. A gente já vem fazer amistosos aqui do Brasil, né? A seleção brasileira vem fazer amistoso e a gente sempre fazia os jogos. Quem tivesse mais perto era que fazia. Eu fiz um jogo... Cê falou em jogos importantes, né?

M.L. – Isso.

A.L. – Eu fiz um jogo no... Teve uma onda de jogos em campo de futebol, né? Teve um em Brasília...

M.L. – Ah, lembro.

A.L. – Que eles fizeram, né? Fizerem aquele...

M.L. – A Globo quem...

A.L. – É. A Globo quem transmitiu. Brasil e... não me lembro quem foi. Brasil e... Aí teve esse primeiro jogo lá no estádio em Brasília. Foi até de onze horas da manhã, se eu não me engano. E eles fizeram outro no Castelão, em Fortaleza. E eu fui fazer esse jogo. Fui eu e Jean. E foi Brasil e Portugal.

M.L. – Jogaço.

A.L. – Do jogo masculino... dos jogos masculinos que eu apitei, esse, realmente, foi o mais importante. É um jogo de *seleções*. Brasil, com todos os seus jogadores, Falcão e companhia, e Portugal também vindo de um, se eu não me engano, tinha sido campeão da Eurocopa, né? E vinha com Ricardinho que tinha sido eleito o maior jogador da Copa do Mundo e tá, tá, tá... Então aquele... aquela pompa. E foi dentro do estádio, do estádio do Castelão. Foi montada a, a...

M.L. – A arena.

A.L. – A arena no gramado, né? E eu fui fazer esse jogo. É ruim porque a gente não tem referência.

M.L. – Isso.

A.L. – Por causa das distâncias.

M.L. – É.

A.L. – Mas assim, foi o... Do jogo masculino que eu me lembro, assim, internacional, jogo de seleção, foi o mais importante com certeza. Você dizer que apitou um clássico Brasil e Portugal, né? Então prá mim... Eu me sinto privilegiada por várias coisas, né? É... As pessoas não exaltam muito, mas eu também não ligo não, sabe? Eu acho que eu cumpri o meu papel e já tá bom.

M.L. – Alane, a condução de uma partida de futsal, quando o jogo é masculino e quando o jogo é feminino, há diferença nessa condução?

A.L. – *Com certeza! Absolutamente!* São coisas extremamente distintas. No tratamento, né? Tratar os meninos e tratar as meninas tem que mudar, porque tem horas que você tem que engrossar com os meninos, porque se não eles lhe comem viva; mas muda, muda. É assim, às vezes, as meninas, você pode até... você pode extrapolar um pouquinho mais, né, a rispidez e tudo. Com os meninos não, porque se você fizer isso, eles vêm em cima de você. Então eu acho, na minha concepção de arbitragem, hoje, a gente tem que tentar ser um pouco mais suave no masculino, justamente prá você não afrontar, porque eles já têm aquela dificuldade de ser comandados por mulheres, né? Já é natural deles. Então se você for afrontá-los é pior. Eles vão vir prá cima de você. Então se você passar... tentar passar de uma forma mais discreta e tudo... Eu sempre gosto de dizer assim: com os jogos masculinos, a gente cumpre o rigor da lei, né? Sempre que você precisar cumprir o rigor da lei, vá em cima da risca da lei e você tem respaldo, porque você tá cumprindo... "Ah, eu tô só aplicando a regra". Então esperar o momento certo prá algumas coisas, pois tem sempre um jogador que fica lhe testando, reclamando, não sei o quê... Espera, porque ele vai te dar oportunidade de dar um cartão amarelo e, muitas vezes, a gente dá um vermelho. Então você o tira do jogo, tranquilamente, sem precisar afrontar, sem precisar fazer escândalo, espetáculo... Muda muito a condução. Eu acho que assim, são coisas completamente diferentes. É como você fazer jogo de adulto e fazer jogo de categoria de base. A condução muda *totalmente*. São jogos completamente distintos. Não existe jogo como o masculino principal. Não existe. Porque ali você tem... enfrenta várias coisas e, principalmente, várias barreiras, né? Eles já entram armados em relação à arbitragem e em relação às meninas, muito mais, né? É da natureza deles. É natural prá eles aquilo ali. "A primeira coisa que eu vou fazer é afrontar". É como ter um árbitro veterano e um árbitro novato. Quando o jogo começa, você vai puff, vai direto no novato prá testar logo ele.

Saber se ele dá prá coisa. Se não der, aí o veterano morreu. Cê vai só ali nele. A mesma coisa quando tem uma mulher na quadra... Você sempre... Os meninos sempre vão se dirigir a você.

M.L. – É.

A.L. – O cara erra do outro lado e eles vão vim reclamar de você. É natural. Então você tem que saber encarar essas situações e saber sair delas, né? Mas é muito diferente a condução do jogo.

M.L. – Alane, se você pudesse apontar ou definir, seria mais fácil arbitrar jogos masculinos ou jogos femininos?

A.L. – Fácil, é mais o feminino, mas eu prefiro apitar os masculinos.

M.L. – Por quê?

A.L. – Pelo desafio, né? E assim, a gente tem uma rotina tão grande de tá apitando jogos maiores, que quando você vai prá um menor... parece que você fica desconfortável, né? É... jogo feminino, às vezes, é chato, porque as meninas enchem o saco, reclama muito: "Ah, não sei o quê, não sei o quê..." e lento! É muito *lento* o jogo, às vezes, as situações, né? E a gente já tá... como a gente já tem um hábito, assim... oitenta por cento dos jogos que a gente apita é masculino adulto ou masculino sub 20, sub 17, sub 15, que já é um jogo mais, mais rápido, mais duro, mais... né? E o feminino é mais lento e tudo. Tem toda uma situação. Você tem que mudar muito o gingado prá poder você conduzir o feminino. Eu prefiro o masculino, mas *mais fácil, claro* que é o feminino, *n vezes* mais fácil. Em qualquer situação, até numa final de Brasileiro é mais fácil. [Trecho inaudível 1hora20min45seg] final do Brasileiro masculino do que feminino. Ah, nem se compara!

M.L. – Você parou de arbitrar em algum momento, além desse da tua lesão na competição do Chile, por algum motivo específico?

A.L. – Não. As únicas situações realmente foram... foram contusões. Eu tive um problema de facite plantar a uns quatro anos atrás, né? Eu fui fazer o teste físico e eu rasguei a fácea

plantar em três lugares e passei seis... é... cinco meses afastada. É... porque eu fui consultar o médico e ele: "Não. Você tem que parar cento e vinte dias de repouso absoluto. Não pode correr nem de ladrão". Aí eu: "Tá bom". Aí fiquei, né? Tava trabalhando na época, então acabei de uma certa forma me acomodando e dei um tempinho prá mim, mas me recuperei bem e voltei normalmente. Foi o único período que eu fiquei afastada mesmo. Afastada, afastada, né? Foi esse período mesmo. Por contusão. Só. Mas assim, nunca cheguei: "Ah, vou dar um tempo". Não. Nunca dei tempo, né? Quando eu der um tempo, é de vez. Paro mesmo.

M.L. – Então vamos dizer...

A.L. – Tá perto! Tá perto, bem perto. Tenho fé em Jesus que tá perto.

M.L. – Além de você arbitrar, além da Alane árbitra, você tem algum outro envolvimento com o esporte?

A.L. – Eu trabalhei sempre ligada ao futsal, né? Trabalhei em alguns momentos ajudando em Federações. Trabalhei na Federação Cearense por dois anos e meio. Trabalhei *dentro* da Federação, né?

M.L. – Qual o teu cargo?

A.L. – Eu trabalhava com... Eu era secretária do Presidente, né? E a gente trabalhava com algumas coisas técnicas. Na verdade, a gente... fazia mais um faz-tudo, né? Dentro de Federações amadoras a gente faz um faz-tudo, né? Acho que envolvimento diretamente de esporte só isso mesmo. Além de arbitragem só com as Federações que eu estava ligada. Mais nenhuma.

M.L. – Ministra cursos?

A.L. – Sim, a gente...

M.L. – Palestras?

A.L. – Sempre tem convite prá ministrar palestras, prá fazer cursos, né? E eu nunca neguei fogo em relação a isso, porque como eu disse a você, o conhecimento é meu e eu passo prá quem eu quiser. Não tem ninguém que me impeça de fazer isso. "Ah, Alane..." Vou dar uma palestra numa universidade, numa favela... Não importa. A pessoa chamando eu vou tranquilamente. Tem umas que são remuneradas, tem outras que não. Não tem problema nenhum, entendeu? Porque eu acho que conhecimento a gente tem que passar. Ficar só prá gente vai morrer.

M.L. – Você hoje tem algum outro trabalho além da arbitragem?

A.L. – Não. Assim... eu tive essa mudança muito grande quando eu vim de Fortaleza pra cá, né? Tô fazendo uma readaptação aqui à cidade, aos costumes, às pessoas, porque são costumes completamente diferentes.

M.L. – É nordeste, mas muda tudo.

A.L. – É. Muda completamente, muda muito, e assim eu... Na verdade eu me desgostei muito da minha profissão, né? De um... A gente já milita tanto com o esporte... A gente sabe como é complicado militar no esporte e no jornalismo é muito parecido, muito parecido. Tem muita questão de você... Você ter mérito... Não é meritocracia, é questão de Q.I., quem indica, né? Então tem muito disso também. E eu na verdade... Assim, eu gosto muito de escrever, tenho o maior prazer do mundo em escrever um artigo, uma reportagem e tudo. Adoro, mas eu não sei se eu... se eu tô pronta prá voltar prá essa rotina de trabalhar com o jornalismo mesmo, né? Porque... é tanta... É como o advogado também, né? Você vira advogado do diabo, né? Então o jornalismo também tá muito parecido, tem muita questão de: "Ah, porque politicamente você não pode dizer isso, porque isso, porque isso, porque o grupo isso, porque..." Tem muita coisa, né? E eu resolvi... Eu trabalhei tanto prá outras pessoas que eu resolvi trabalhar prá mim. Tô investindo numa área de culinária, né? A minha mãe sempre trabalhou com isso também, então prá mim... Eu prefiro tá em casa trabalhando com ela e prá ela e prá mim, do que tá trabalhando pros outros, dando o meu suor, o meu sangue, porque quando eu vou trabalhar, eu me dedico muito, né? E muitas... A gente nunca é compensado por... Como deveria ser, né? Financeiramente e... É até

questão de você reconhecer o mérito das pessoas, né? Então eu investi nisso aí, tô voltando prá faculdade depois de vinte e cinco anos, né? Consegui passar no diabo do ENEM<sup>20</sup> [risos]. E... Só fiz dois vestibulares na minha vida que foi o de Jornalismo e esse agora. Nunca tinha feito outras... outras provas prá ascender a carreira, então vou voltar prá, prá academia. E voltar prá ver se alguma coisa me encanta por lá também, prá eu poder dar seguimento. Pretendo fazer um Mestrado na área de Linguística e vou fazer Letras. Vou tentar *linkar* o meu curso de Jornalismo com o curso de Letras prá gente fazer um link dos três cursos. Pretendo, né? É plano. Mas eu também... Quando vim de lá, pretendia voltar prá faculdade e consegui; então é tudo uma questão de tempo, né? Mas assim, eu queria investir mais em uma coisa *minha* mesmo, sabe? Um negócio meu, diretamente ligado prá mim, que me envolvesse a mim mesma, porque hoje é muito difícil trabalhar prá pessoas, né? A minha dedicação é 100% e eu não vou ser recompensada 100% como eu mereço, né? Então eu prefiro trabalhar prá mim, tá aqui com a minha mãe dentro de casa, ter um... ter um tempo prá... Tô fazendo até um tratamento psicológico, pois tô com uma fobia de estar com pessoas, de sair de casa, sabe? Eu saio prá um supermercado, prá fazer uma coisa... Vou por obrigação, mas assim, vontade de sair de casa, eu não vou mentir não, eu não tenho hoje. Então assim, minha questão social, eu tenho que trabalhar também porque faz parte da vida da gente, né? E a gente não pode deixar a nossa mente nos dominar.

M.L. – E assim, no jornalismo tem alguma área que você gostaria de trabalhar? Alguma área esportiva?

A.L. – Ah, não quero trabalhar com o esporte.

M.L. – Não?

A.L. – Apesar que seria a coisa mais fácil do mundo prá mim, né? *Tranquilamente*. Eu fiz até... inclusive... Tinha... Eu trabalhava com... Fazia uns programas de rádio, no domingo, com um amigo meu lá em Fortaleza, na rádio Verdes Mares, que era o Jurani Parente. Ele me convidava várias vezes prá gente fazer comentário sobre tudo, né? A gente falava sobre tudo. Esporte... Falava tudo. E eu sempre ia nos domingos falar com ele. Eu sinto muita falta dele, desse contato com ele. Gente muito boa ele. A gente falava de futebol, de futsal,

---

<sup>20</sup> Exame Nacional do Ensino Médio.

de qualquer coisa, arbitragem, não importa. Então eu expressava a opinião de verdade. Era bom. Eu queria trabalhar com rádio. Gostaria, se eu voltasse a trabalhar na área de comunicação, trabalhar com rádio. Eu não gosto de trabalhar com TV. Pela exposição, né? Não é... não é minha praia. Gosto de trabalhar escrevendo. Se eu fosse a trabalhar... Eu trabalhei muitos anos com assessoria de imprensa. Gosto muito também. É uma área bem interessante se eu voltasse prá... prá área de jornalismo...

M.L. – Jornalismo?

A.L. – Sim. Que um dia eu vou voltar. Não sei como, né? Se já vai tá *linkado* com outra situação, mas eu queria muito trabalhar com isso aí. Mas vamos ver, vamos ver o que é que o futuro nos reserva.

M.L. – Como é a sua rotina ou organização para você poder aliar a arbitragem a sua outra ocupação atual? Está num trabalho mais doméstico, num trabalho de produção de alimentos. Como é que é essa junção?

A.L. – Olha, é coisa bem dividida, né? Eu sou impossível de trabalhar de manhã. De manhã me dedico só às minhas coisas aqui em casa, né? A essa... essa parte da área de culinária e à tarde é que eu fico disponível. Por exemplo, tá tendo esse período de Jogos Escolares agora e eu só dou disponibilidade à tarde. E final de semana é a mesma coisa, de manhã... No sábado eu ainda saio de manhã, porque minha irmã fica cobrindo minha função aqui com mainha e eu posso sair. Viajar, muito pouco; também não quero, né? E... Mas dá prá gente conciliar devagarzinho. À noite sempre tem jogo dia de semana e final de semana, só até o sábado mesmo, entendeu?

M.L. – Domingo não mais?

A.L. – Domingo não. Domingo a gente reserva prá outras coisas, hoje. A gente tem que fazer uma opção, né? Uma hora você tem que optar, porque não vai levar muita coisa. Assim, você apitar um ou dois jogos no domingo... Domingo, fazer jogo, né? Às vezes a gente fazia jogo à *tarde*, no domingo, em troca de quê? Só a questão financeira? Acho que não compensa hoje, entendeu? Eu prefiro tá em casa, fico aqui, faço as minhas obrigações

aqui com minha mãe. Às vezes a gente sai, vai a algum lugar, ou então à tarde... ah, não quer sair ou então vai pro cinema ou fazer alguma coisa, ou então fica em casa assistindo TV. Pronto! Delícia! Adoro!

M.L. – E como é que você hoje organiza seu treinamento físico prá fazer a arbitragem?

A.L. – Não faço treinamento físico. Já era. Acabou! Depois desse negócio FIFA, não... *Detesto*. Vou voltar por questão de obrigação, por questão de saúde. Vou voltar prá academia, mas assim, tudo muito sossegado.

M.L. – Sem compromisso!

A.L. – Sem compromisso! Esse negócio de tá correndo feito uma louca, desesperada, todo dia, o dia todo. Às vezes eu fazia treino de manhã e de tarde... *de noite!* Prá poder conseguir...

M.L. – Bater o índice?

A.L. – É! Então assim, prá mim esgotou aquilo ali. Eu tenho *horror* àquele... àquela rotina. Eu vou... No dia que eu quiser ir eu vou, no dia que eu quiser correr eu vou, mas nada de obrigação, quero não, quero mais não.

M.L. – Você faz curso de atualização de futsal hoje em dia? Com qual periodicidade?

A.L. – Nós não temos curso de atualização. *Nunca*. Nós é que temos que nos atualizar, porque a Confederação *nunca fez*, nunca fez um trabalho direcionado a isso. A gente tinha na CONMEBOL... Todas as vezes que a gente ia prá competições tinha *um curso*. A gente fazia! Fazia atualização de regra prá alinhar procedimento, prá alinhar... Vamos dizer assim, prá alinhar o...

M.L. – Planificar a arbitragem, né?

A.L. – Exatamente! E na Confederação nunca existiu isso. *Nunca* fizemos um curso! *Nunca!*

M.L. – E a nível de Federação, esses cursos acontecem? A nível de Federação Paraibana?

A.L. – Tam... Nenhuma Federação acontece esses cursos. Digo porque eu já tive na Cearense, na Pernambucana e na Paraibana. Aqui não tem. Não sei se em outros lugares, em outros centros tem. Mas nunca tem não. Dificilmente. Até porque a gente nem tem instrutor prá isso. A Confederação não faz instrutores.

M.L. – Então você se “auto” atualiza?

A.L. – *É claro!* Como todos eles. Acha que tem que fazer daquele jeito e faz. Não tem uma pessoa que guie, não tem uma equipe, não tem instrutores. A Confederação não tem instrutores de arbitragem. Não tem e nem procura fazer também.

M.L. – A sua forma de arbitrar, de você conduzir as partidas, mudou ao longo dos seus anos de exercício de arbitragem?

A.L. – Mudou pouco. Assim... eu... Pelos menos essa autocrítica eu faço a mim, né? Mudou pouco. A gente continua aprendendo todo dia. Eu acho que aprender, você aprende todos os dias. Todo jogo lhe mostra uma coisa diferente, que você tem que: "Ah não, eu acho que tem que fazer assim". Porque o jogo vai mudando conforme o esporte vai se modernizando, a questão física vai mudando e você tem que ir mudando também. Você não pode apitar... pegar uma pessoa que apitou há vinte anos atrás e apitar do mesmo jeito que você não termina o jogo. Tá muito diferente hoje, então você tem que ir se adaptando aos novos momentos. A questão física hoje é  *muito*, é... 80% do jogo é físico. Então você tem que se adaptar também. Então *mudou muito* o jogo de futsal de antes prá agora. Mudou demais. E os contatos são muito maiores, apesar de que a quadra ficou maior, mas os contatos ficaram muito maiores também.

M.L. – É.

A.L. – Então você, você ter uma... Você ter o discernimento de avaliar qual o contato que é faltoso, o que você pode deixar ir ou não pro jogo... então é esse *feeling* que muitos não têm e a gente tem que aprender a ter, senão você tá morto no esporte, né? Mas mudou,

assim, a questão de temperamento. As meninas do... da CONMEBOL sempre diziam assim: "Podia cair *um ginásio...*" e a minha feição não mudaria em absolutamente nada. Continuaría do mesmo... O mesmo semblante que eu entrei, eu saio do jogo. Não mudo nada. Sempre muito tranquila, né? Procurando passar tranquilidade para as pessoas, né? Tem deles que acha que é desdém do jogo, mas não é. Aquilo ali, sabe, não tem porque você tá na pilha de jogo, gritando com o jogador, indo prá cima de... Não tem necessidade nenhuma disso. Do mesmo jeito que você entra, sossegada, apita seu jogo tecnicamente ali, aplica o cartão... *não vai mudar*. Então assim, a mudança foi muito pouca, porque eu acho que é no temperamento. E o temperamento da pessoa vai muito no temperamento do árbitro também. A pessoa que é fora das quadras, também é dentro das quadras, não tem como você distinguir. Então se você é uma pessoa tranquila, você leva tudo muito tranquilo; se você é aquela pessoa sem pavio, que emprenha pelo ouvido porque o cara te xinga, que vai prá cima... Se você faz isso fora da quadra, você vai levar prá dentro da quadra também. Não tem como você separar as duas personalidades, da pessoa e do árbitro, não tem como. Você sempre vai carregar, tem aquela carga, não tem como. Então o que você é... se você é daquele jeito, é bocuda, responde, não sei o quê... é a mesma coisa. Então assim, da minha arbitragem pra cá, assim, melhorei algumas coisas... Tenho ainda que melhorar. Claro! Todo mundo... É o que eu digo, todo mundo... Todo jogo me dá uma lição. Não tem um jogo que eu num: "Eu acho que eu tenho que fazer diferente ali, melhor assim, melhor assim". Porque o jogo mudou muito. A gente tem que se adaptar. O árbitro tem que se adaptar ao estilo de jogo que vai mudando. Tem jogo muito técnico, tem jogo muito falado, tem jogo muito físico, tem jogo muito faltoso, tem jogo pouco faltoso, tem jogo de muito cartão, tem jogo de pouco cartão. Então tudo é uma adaptação e você tem que ir se moldando a isso. Você vai se moldando à competição, o jogo de categoria de base é diferente, jogo que tem rivalidade é diferente... Então você tem que ir se moldando ao jogo. Cada jogo tem um molde diferente de você conduzir. Ah, eu tô no interior, ginásio entupido, não tem *um segurança...* eu tenho que conduzir o jogo de uma forma diferente. Tenho que identificar aquele líder positivo, o líder negativo do jogo e tentar amenizar ali com eles, entendeu? Fazer com que eles me ajudem. Então até isso a gente tem que fazer. Arbitragem você tem que ser inteligente, você tem que saber onde você tá, o ambiente que você tá, a competição que você tá apitando, saber o que é que você pode fazer e o que você não pode fazer, porque é como a gente tava comentando sobre a situação que aconteceu com a menina. Se o cara tá numa competição universitária - que já é um problema - e todo

mundo sabe. Não tem ninguém, o cara tá com a cabeça quente, esquentado, não sei o quê... aí você vai e dá um cartão prá expulsar o cara, quase botando na fuça do cara... Você tá arriscada, você levar um murro. Podia ser mulher, homem, o que fosse. O risco sempre é *muito grande* em todo lugar que você vá. Os pais hoje, você ainda é arriscado; então você tem que saber fazer aquele manejo de jogo, entendeu? Saber a hora certa de dar o cartão... Se o cara tá há dez metros de você: "Opa, cê tá expulso, viu?". Tem uma confusão generalizada, não sei o quê, não sei o quê, aí você vai lá atrás do cara, pega na camisa do cara prá dar o cartão... *Não!* "Fulano, olha, cicrano tá expulso, fulano tá expulso". Você não precisa nem mostrar cartão.

M.L. – Você só comunica.

A.L. – É! Entendeu? Você tem que ser inteligente, porque você tem que se proteger. Arbitragem, hoje, você... O árbitro mais inteligente do mundo é aquele que se *protege*. Tem uma torcida que tá atrás de você, você tem que tá ligada o tempo todo, entendeu? O jogador que é mais agressivo, que você vê que pode partir prá cima de você, você tem que tá distante dele quando você for aplicar uma falta, dar um cartão. Você não precisa falar com ele não. Deixa ele lá. Aplica a lei prá ele, só isso. Não provoca, não vai prá cima, não tem muitas coisas prá... É o que eu digo, você vai se adaptando a cada jogo, a cada competição. Tem segurança? Eu faço o que eu quiser. Ginásio da Federação? Soldado, polícia prá todo lado, eu boto prá torar no meio. Jogo de televisão? Não passa uma falta técnica, minha filha, não passa nada. Mas tem jogo que não é assim. Então é tudo adaptação; arbitragem é assim. É igual aos jogos que a gente vê. Vários jogos aí do campeonato brasileiro os cara fazendo a maior besteira do mundo, porque não tem leitura de jogo. Você não sabe ler o jogo como é que tá, porque você não pode ler o jogo com ânsia; você tem que ler o jogo com o conjunto da obra, você tem que pensar em tudo: a torcida, como é que tá os ânimos dos caras, né? Então tudo você tem que pensar; é a mesma coisa do futsal. O esporte amador não é diferente do profissional não. A única diferença é o dinheiro [riso], que lá é muito maior e aqui é zero, né? Então... Mas também a responsabilidade deles também é muito maior. Mas é muito isso aí, sabe? É... A gente vai, vai se adaptando ao novo es... O esporte vai evoluindo e a gente tem que evoluir junto, se não... você vai ficando pra trás, não tem como.

M.L. – Alane, alguma regra ou forma de organização das árbitras dentro da Confederação ou dentro da FIFA, com relação à arbitragem, a essa condução, ela mudou ao longo dos anos?

A.L. – Sim, tem mudado muito. As meninas têm vindo... é... eu acho que elas vêm mais cruas do que antes, né? No início do quadro feminino, eu acho que as meninas tinham mais lastro, tinham mais a casca dura, eram mais preparadas prá algumas situações, né? Apesar de que tinham algumas que tinham uma dificuldade técnica e hoje não. As meninas são mais técnicas, mas elas não têm... é... jogo de cintura, não têm rodagem, não têm manejo de jogo. Eu acho que mudou isso aí, sabe? As meninas antigas conseguiam manejar melhor o jogo do que hoje, até porque o jogo mudou muito, né, de um tempo prá cá. Mas, assim, é... são fases bem distintas do início prá agora.

M.L. – E você avalia essas mudanças como positivas?

A.L. – Em alguns aspectos eu vejo como positivas, né? A questão... é... Hoje elas se preocupam mais com a parte física, com a parte de posicionamento e com a parte técnica. Só que... é... eu acho que elas têm uma dificuldade na parte disciplinar, né? Que é diferente, né? É... as pessoas vêem um jogo muito técnico e eu não vejo. Hoje, o jogo mais difícil de apitar é aquele jogo disciplinar, que você prá... A condução discipl... O jogo técnico é muito fácil de você apitar quando não tem rivalidade, quando não tem pancada, não tem isso... *é fácil demais*. Você liga o piloto automático e vai se embora. O problema é você conduzir um jogo da questão disciplinar, que tem jogo de rivalidade, jogador que fala muito, jogador indisciplinado, jogador que faz muita falta dura, jogador que deixa o braço... Então essa parte aí, eu acho que as meninas... *Hoje* elas têm mais dificuldade do que as meninas que chegaram no quadro antes. Elas têm menos rodagem nesse sentido, né? É a questão da malícia. Você tem que ter *malícia* prá apitar jogo também - do mesmo jogo que os meninos têm malícia prá fazer o jogo deles, né? Esperar que o árbitro não olhe prá dar uma cotovelada... *Isso é normal!* Não tem como você ver tudo no jogo. *Não tem!* Agora você tem que aprender a controlar os jogos na parte disciplinar, porque esse é o mais fácil de você se perder. Às vezes, num jogo, uma falta, a primeira falta do jogo, é determinante pro jogo inteiro. Se você não for ali, marcar e der um cartão... Às vezes você deixa passar isso e...

M.L. – Perde.

A.L. – Porque você não sente o jogo. Aquela história do *feeling*, né? De sentir o jogo, como é que o jogo tá, se é quente, se não é quente, se aquilo ali vai ter uma consequência ou não. Então essa é a diferença. As meninas hoje, elas não têm essa... é... vamos dizer assim, essa sensibilidade maior pro jogo, nessa parte aí. Tecnicamente, não, é fácil hoje. Hoje é fácil tecnicamente. Tem muito recurso hoje, mas a gente não tinha recurso nenhum. Hoje tem muito.

M.L. – Após a normatização do acesso das árbitras à quadra de jogo, lá na década de 2000, elas puderam então adentrar a quadra. O que você acha que mudou no cenário do futsal brasileiro, com relação a esse adentrar das árbitras na condução das partidas? Deixou-se de ser apenas anotadora e cronometrista e foi-se a quadra do jogo. E aí? Como é que o futsal reage a isso?

A.L. – Olha, a primeira reação realmente foi de... é anormalidade. "Opa! Tem alguma coisa estranha aqui. Tem algum *ser estranho* nesse ambiente", né? Mas aos poucos eles foram se adaptando. Quando chegou... quando começaram a chegar na... das competições femininas, automaticamente nos seus estados, as meninas começaram a trabalhar com o masculino também, na categoria de base. Eu acho que, assim, prá você fazer uma formação boa de árbitras femininas, eu acho que você tem que começar ela na base, que é prá ela engrossar pro que ela vai ouvir. Aí depois você vai colocando ela nos jogos mais... é... pegados, mais cheios: sub 15 e sub 17 são as piores categorias que tem prá você apitar hoje, prá qualquer árbitro, *é horrível*. Então é um jogo *muito duro, muito forte*. Os meninos são tudo meio loucão. O sub 20 já tá melhor e o adulto já fica mais... que eles têm um pouquinho mais de controle. Mas essas categorias você tem que ir fazendo uma coisa gradativa prá meninas, prá elas irem se habituando àquilo ali, aquele tipo de jogo, aquele tipo de pressão. Não adianta você pegar uma árbitra que tá começando e jogar *no adulto*. Você vai *queimar ela*. Faz a sequência direitinho, faz a base direitinho. Onde é que você aprende as coisas? *Na base!* Onde é que você aprende todo tipo de situação que acontece no jogo? *Jogos Escolares!* Entendeu?

M.L. – Acontece de tudo.

A.L. – Acontece de... *tudo acontece!* Você tem que ter uma solução prá aquilo ali, então você começa a ter jogo de cintura nesses jogos. Agora, se jogar direto no adulto, direto no sub 20 ou se deixar só no feminino, não vai ter evolução, pelo contrário, a primeira coisa que ela vai fazer é se retrair e não vai mais. Então existe essa diferença do feminino e do masculino. Os meninos você pode jogar no... Que eles se queimam também. Eles... Às vezes eles vão pros jogos e não tem responsabilidade nenhuma, não é? Porque existe uma diferença muito grande: eu me importo com o que eu faço, eu me importo com a minha imagem, com o meu trabalho, eu me importo, demais! No dia que eu erro num jogo eu não durmo. Fica aquilo na minha cabeça: "Meu Deus, como é que pode? Errei! Aconteceu isso no jogo. Prejudiquei. E aí?" Eu não durmo, mas tem gente que não tá nem aí, vai só buscar o dinheiro e acabou. Então a preparação das meninas tem que ser feita dessa forma. É a adaptação... porque faz parte da adaptação. As crianças começam a se adaptar com a presença da gente. Quando eles tão evoluindo, tão subindo de categoria, prá eles vai ser natural. Então se você fizer a coisa bem direitinha, tanto prá um como prá outro, não vai ter nenhum tipo de choque. Agora, de primeira você já lançar... Nunca teve uma árbitra feminina no seu estado e de primeira você já lança num masculino, num adulto, num... então as pessoas vão se... vão ficar desorientadas. É natural, porque é uma pessoa que... é uma presença que nunca teve ali. Então tem que ser uma coisa trabalhada, pensada, não é simplesmente jogar a pessoa lá, entendeu? Mesma coisa é a adaptação para o público que não tá habituado. O torcedor também não tá habituado, os árbitros não tão habituados a trabalhar com as meninas, os jogadores numa tiveram o jogo apitado por uma mulher, então tem que fazer uma adaptação devagarzinho, inserindo com calma, entendeu? Prá não ter esse choque, porque esse problema é... O problema é o choque. Eles realmente ficam chocados, muitos.

M.L. – Alane, como é a sua relação com a Federação a qual você está ligada hoje?

A.L. – Olha, eu sempre fui árbitra de Federação. A gente sempre tem... Hoje tem um grande problema, porque tem um pessoal que é de Federação, tem um pessoal que já foi de Federação, tem um pessoal que é de pirata, é não sei o quê... Então tem muito essa relação. A maioria das pessoas que não está na Federação, está trabalhando por fora, continuam trabalhando. Não tem o... Não existe nenhum demérito em relação a isso. Você... A Federação não quis lhe aproveitar mais, então você vai procurar o seu espaço. Claro! Se

você gosta daquilo, se você trabalha com aquilo ali, qual é o problema? Eu não vejo problema nenhum. As pessoas dizem: "Ah, porque não é de Federação, então não é isso...". Eu sempre vou... sempre fui de Federação, mas em momento nenhum vou desvalorizar as pessoas que já foram e que hoje estão do outro lado. Não há problema nenhum. Eu não vejo dessa forma, entendeu? Não vejo como inimigo. As pessoas: "Ah, porque você é dissidente da Federação". Não tem nada a ver. É uma questão pessoal, é uma questão de escolha, você escolhe ser assim. Eu escolho ser de Federação. Nunca Alane vai apitar fora de Federação. Sempre foi assim. Eu sou minha Federação! Eu defendo o que é certo e o que é errado a gente vai conversar, né? Porque é errado prá uns, mas prá eles não é. E você, quando você entra numa Federação, você tem que aceitar o sistema dela, não... não o contrário. Você tem que se adaptar a ela e não ela se adaptar a você. É uma escolha que você faz. Você está escolhendo ser Federação. Se você não concorda, então você escolhe ser outra coisa, entendeu?

M.L. – Então a nível de Confederação, de Federação Internacional, as suas relações institucionais foram sempre muito tranquilas?

A.L. – Sempre. Não tiv... Nunca tive problema institucional com nenhuma das entidades que eu fiz parte. Tanto da... Apesar de ter, de achar que tem muita coisa errada em *várias* delas... Em todas as que eu fui... A FIFA tem, a Confederação... a CBFS tem, a CONMEBOL tem, a minha Federação Cearense tem, a Paraibana tem, a pernamb... Todas têm! Entendeu? Coisas que eu não concordo, que eu acho que poderiam ser feitas de outra forma, mas faz parte. Eu fiz uma escolha, entendeu? Eu perco de um jeito e ganho do outro. É uma troca. Não tem jeito. As pessoas têm que entender isso. Não adianta você ir prá Federação e querer brigar com a Federação; então *sai dela!* Que não é... Aquilo ali não é o seu lugar. Você tem que se adaptar a ela e não ela a você.

M.L. – E a tua relação com as árbitras e com os árbitros que compõem essas instituições? Como é que era a tua relação? Como é que é a tua relação hoje?

A.L. – Olha, sempre foi muito tranquila a minha relação com todos eles, né? Tanto o pessoal de... de nível internacional... As meninas assim... Tenho amigos e amigas e eu sinto muita saudade deles. Eu sinto saudade da companhia das pessoas. Eu não sinto saudade

daquela rotina de... Ah, a competição... Não sinto, eu não sinto falta disso. Não sinto. Eu sinto falta das pessoas, de encontrar as pessoas, de passar dias com elas, de conviver com elas; eu sinto falta dessa relação pessoal, sabe, mas da competição em si... Ficar: "Ai, eu queria ainda tá ali". Não, não sinto falta, sabe? A mesma coisa das meninas aqui do Brasil e dos meus amigos, por exemplo, que eu deixei vários em Fortaleza. Eu sinto falta das viagens que a gente fazia em Fortaleza, porque a gente viajava... Toda semana a gente viajava sempre com uma turma legal, conversava, batia papo, se divertia, entendeu? Eu sinto falta dessa relação pessoal, mas eu não sinto falta daquele... daquele rigor, daquele... Não sinto a *menor* falta. Não tenho saudade daquilo. *Nunca!* Mas sempre foi muito tranquilo. Eu tenho vários amigos, *muitos* amigos, né? E onde eu for, eu tenho amigos, eu tenho pessoas... Lógico que tem pessoas que você se afina mais. É uma questão de... Tudo na vida, na sua vida, na relação social é questão de afinidade. Tem pessoas que você se afina mais, tem outras que você não se afina, mas nós somos assim: parceiros, companheiros, brinca, se diverte, não sei o quê. Eu respeito seu lado e você respeita o meu. Ponto. Entendeu? Tem umas pessoas que a gente é apaixonada por elas, entendeu? Faz parte. Tem uma relação diferente. São amigos e não companheiros só de jornada, porque temos muitos companheiros de jornada, mas amigos a gente tem poucos, porque são aquelas pessoas que se afinam mais com você. Mas sempre fui muito tranquila, nunca tive problema com... nem com questão regional, nem nacional e nem internacional. Eu sempre procurei ser uma pessoa que as pessoas lembrassem de mim como pessoa, não como escudo. Não é só um nome, não lembra só do nome, lembra da pessoa. As pessoas têm que sentir falta da sua presença, né?

M.L. – Da pessoa!

A.L. – Da pessoa mesmo, mas do escudo, daquele nome, não. Eu sempre procurei fazer isso, ajudar todo mundo, principalmente o pessoal que tava chegando, que era novo e tudo. Sempre procurei conversar, ajudar. Quem quer ajuda, a gente ajuda; quem não quer também... Cada um no seu lugar, entendeu? Não interfiro não. Mas... é... é bom. Eu sinto falta deles, das pessoas.

M.L. – Alane, ao longo de tua trajetória, você acha que recebeu, em algum momento, tratamento diferente por você ser mulher e estar no meio da arbitragem?

A.L. – Com certeza! Vários... várias situações.

M.L. – Poderia citar?

A.L. – Sim. Posso citar. O meu diretor da Federação Cearense demorou a me escalar no adulto, porque eu era mulher e ele era um militar e ele achava que... que não era ambiente prá mim, que eu não conseguiria fazer os jogos e tudo. Já... Isso aí faz parte. É... a gente já... Em várias situações no meu início também foi assim. Os meninos... Tem... tem árbitro que não gosta de apitar com uma menina, tem árbitro que num... Ele não consegue fazer aquilo, né? Ele quer se sobrepôr e tudo... Mesmo ele sendo o árbitro dois, ele quer ser o um, porque... porque é uma menina e tudo. Então assim, isso vai sempre acontecer. Eu já tive problemas em relação à arbitragem no meu estado, onde eu passei a maior parte da minha carreira, né? É... Lá demorou, apesar do meu potencial, da minha capacidade e tudo, mas... Nossa! Eu tive que descer *rasgando*, assim, entendeu [riso]? Mas consegui o meu lugar pelos meus méritos... Eu saí de lá e o povo numa choradeira: "E agora? Quem vai apitar os jogos?" Eu digo: "Tem um monte aí, gente".

M.L. – E na Confederação e na FIFA, essa coisa também existia? Dessa... desse barreirismo... desse...

A.L. – Também em algumas situações. A gente deixou de apitar alguns jogos, porque a gente era mulher. O jogo da Argentina, jogo de Seleção em Grand Prix. "Não, porque o jogo semifinal e tudo". Por quê? Porque acha que mulher num... né? Teve alguns corajosos que escalaram, né? Mas teve outros que... teve... teve a questão do... Já teve sim, várias situações, tanto na... eu não digo na... na CONMEBOL<sup>21</sup>, né? Na FIFA já teve porque a gente fazia jogo misto com os meninos, mas na CONMEBOL, quando a gente fazia só com as meninas era perfeito, porque aí não tinha diferença.

M.L. – É. Não tinha dúvida.

---

<sup>21</sup> Confederação Sul-Americana de Futebol, mais conhecida pelo acrônimo CONMEBOL, é uma instituição esportiva internacional que organiza, desenvolve e controla competições de futebol.

A.L. – Né? Mas... Eles tentaram sempre privilegiar, *na CONMEBOL!* Os jogos da CONMEBOL, que eram competições femininas e que iam as meninas, eles sempre privilegiaram as meninas. Os meninos eram só coadjuvantes e eles deixavam bem claro no início da competição. E isso é um ponto, assim, que eu vou admirar sempre deles. Diferente daqui. Competição feminina, muitas... As meninas, às vezes, iam com arbitragem mista e ficavam em demérito com os meninos, porque quem tava escalando achava que era assim, e não é, né? Eu acho que se você só apita o feminino, então que você seja privilegiada nas suas competições, entendeu? Mas acontece isso e não vai deixar de acontecer não. Ainda vai... A gente ainda vai penar um bocadinho em relação a isso.

M.L. – E em relação às comissões técnicas, aos jogadores, como é que é essa relação? Há essa... essa antipatia por você ser árbitra?

A.L. – Sim, sim, e principalmente Internacional, porque lá quase não tem, né? Às vezes a gente fazia jogo da Seleção e tinha essa distinção, porque eles ficavam meio ressabiados, porque era menina, não sei o quê, via... Sempre tinha aquela situação de você fazer a... o confronto, né? E se você não soubesse se sair, realmente você se dava mal, porque como era um jogo internacional, tinha muita repercussão. Mas assim, foi... A mulher tem que tratar sempre tudo com muita educação. Ela tem que ser fina, não tem jeito. Não adianta a gente querer confrontar, berrar, xingar... Não! "Professor, por favor, por gentileza". O pau cantando e: "Por favor, por gentileza". Tem que ser assim, porque se não a gente não... Se a gente for pro confronto com eles, a gente vai sair perdendo, porque eles são muito boca suja, eles metem a boca mesmo, fala mesmo, né? E não é bom, não é bom, não é legal não, sabe? Esse confronto não é bom. Eu acho que a gente tem que manter uma certa distância, pois eles têm que entender até onde eles podem ir e até onde a gente pode ir, certo? Então, tem que manter uma certa distância, sempre com muita educação, tentando ser educado e quando precisar engrossar uma vez ou outra, engrossa, ou então bota prá rua. Simples assim. Procure, procure a lei prá enquadrar eles que fica mais fácil.

M.L. – E os jogadores e jogadoras, como é que é essa situação? Há também esse barreirismo, esse confronto?

A.L. – *Com certeza!* Também tem. Principalmente nos meninos, tem muito. As meninas não, pois prá elas é normal; mas os meninos têm muito isso, principalmente quando você raramente vê uma figura daquela na quadra, aí você tem que ir em cima dela, né? Aí tem uns caras lá, principalmente tem muito em interior, os danadão né?

M.L. – É.

A.L. – É aquela coisa, o árbitro tem que ser inteligente prá identificar logo o líder negativo “Opa, aquele jogador é problemático” e o positivo prá você juntar o positivo com você prá você combater aquele negativo. Sempre tem nas equipes o líder negativo e o líder positivo. Sempre tem. Você tem que aprender a identificar e procurar mediar esses lados, entendeu? E é aquela coisa, o negativo você aplica a lei, o rigor da lei, e o positivo, você traz ele prá junto de você prá ele lhe ajudar. Então você tem que procurar isso, né? Tem muito dos meninos... A primeira oportunidade que tem, eles vão testando. Ah, já vi muito disso, dessa situação do cara... você apita a falta lá e vem o jogador dizer... “Epa, pode ficar aí, fique logo aí, não venha não”. Então a gente tem que aprender a se *defender*, né? Evita que ele venha: “Ei, psiu, pode ficar aí, viu? Se vier vai tomar cartão”. Então você tem que ter esse joguinho de cintura de saber onde você tá, se você tem respaldo, quem é a comissão técnica, se tem alguém que conhece os jogadores... “Tem algum jogador problemático, assim, que a gente tem que ter um pouquinho mais de cuidado?”. Você tem que se informar das coisas também prá você poder, quando começar o jogo, você saber...

M.L. – Montar o seu pré-jogo.

A.L. – *Exatamente!* Você tem que saber tudo... Comissão técnica... “Ah, esse treinador, quem é esse pessoal? Dá trabalho? Não dá trabalho?” Você tem que saber informações, você tem que começar a conversar, a colher essas informações prá você poder organizar seu jogo.

M.L. – E a torcida?

A.L. – Torcida faz assim: oxe! E liga o botão surdo e mudo [riso]. Pronto! Torcida é assim... Você vai, sempre vai encontrar... é... principalmente as meninas, *sempre* vão

encontrar *muita restrição*. *Muita, muita!* Se você for escutar tudo que eles falam, você vai se chatear muito, você nunca mais vai voltar prá uma quadra, né? Mas faz ouvido de mercador. Esquece que aquilo ali... Entenda, compreenda que eles são pais, torcedores, estão motivados por emoção e são extremamente passionais. Uma hora ele te xinga, outra hora ele te chama de senhora; então faz parte. Enquanto você tiver do lado... Quando você apitar a falta a favor dele, você não vai escutar nada ou então ele vai lhe tratar de senhora; quando for o contrário, se prepare porque vem chumbo grosso. Então torcida é meio assim... Quando o cara tá incomodando demais, *demais, demais*, no último recurso, aí você manda ele sair, mas sabendo que você vai chamar *toda* a atenção do universo prá você. O que você puder evitar, evita.

M.L. – E xingamentos?

A.L. – Não vai pro confronto com torcida. Faz de conta que você não tá... Ignora, porque a melhor maneira de você lidar com a torcida é ignorar eles.

M.L. – Alane, já percebeu na torcida, nos vários locais onde já arbitrou competições, torcedoras que viessem te ofender por ser mulher?

A.L. – Ah, *muitas!* Ah, essa semana eu fui fazer um jogo lá no sub 10, sei lá qual era o jogo, aí a mãe de umas criaturas, porque elas ficam enlouquecidas, ensandecidas, na torcida. Gente, elas perdem a noção *de tudo*, de tudo, aí uma chegou e disse assim: "Mulher, vai lavar tua louça em casa!" Aí eu: "Num vou..." Disse: "Meu Deus, eu não vou nem olhar prá eu saber nem quem é. Não vou nem olhar", porque tenho uma facilidade de identificar as pessoas pela voz. Eu disse: "Eu não vou nem olhar prá não ver quem é". Dá vontade de dizer assim: "Mulher, e a tua que ficou cheia de prato prá tu lavar?" Tu tá entendendo [riso]? Então essa é a que mais dói. Vindo dos homens, prá você é natural, porque você já espera aquilo, mas você não espera delas. O xingamento, assim, que vai prá cima, que xinga, mas mandar você ir lavar prato! Ela, dona de casa, mãe de família, cuida de menino, não sei o quê, mandar você lavar prato? Tá entendendo? É uma afronta! "Vá arrumar seu fogão e não sei o quê..." Várias e várias vezes aconteceu isso. Tem horas que realmente você tem vontade de revidar. Teve uma situação que eu fiz um revide disso, não

me arrependo também, mas não vale a pena não. Prá você como ser humano, não vale a pena.

M.L. – Ouve xingamentos vindos de mulheres?

A.L. – *Com certeza!* Xingamentos mesmo. As bichas são boca suja mesmo. Chama... Abre desse tamanho assim... A boca delas é maior do que a deles, né? Ah, meu Deus do céu! Mas é aquela coisa... Como pessoa, prá mim, eu me trocar com ela não vai valer a pena, então... Como árbitra piorou, né? Eu tenho uma reputação como pessoa, como ser humano e eu não vou me trocar com uma situação dessas. O cara tá ali te xingando, não sei o quê, não sei o quê, eu vou lá xingar a mesma coisa? Não vou. Eu não vou me rebaixar a ele, não vou me trocar com ele. Então torcida, ô, esquece, deleta; só em último caso, se realmente estiver incomodando, se tiver um perigo físico prá você, que você aciona as pessoas prá tirarem essa pessoa de quadra, entendeu? Faça de uma forma discreta também, procure manter sua discrição. Eu acho que funciona assim. Melhor do que você afrontar, do que você xingar e você responder. Eu acho que funciona melhor. Como ser humano, prá você, é bem melhor. Você vai ver que é bem melhor.

M.L. – Você acha que, no geral, existe alguma diferença de tratamento ou de reconhecimento de trabalho entre árbitros e árbitras?

A.L. – *Com certeza!* A mulher é assim em tudo na vida, não é só como árbitra. Lógico que tem um agravante, porque você tá num ambiente de testosterona pura, né? É muita... É um ambiente completamente contra você. O futebol, você trabalhar com arbitragem... Como em outras situações também, empresas dominadas por homens, área de tecnologia que tem muito homem. Entrar uma mulher é assim, virou... você vira alvo das pessoas, né? E quando não têm nada prá falar do seu profissional, eles vão falar do seu pessoal, porque eles têm que achar alguma coisa prá falar de você, certo? Então assim, esse *ambiente* não ajuda a gente, mas você tem que começar a tentar se sair de uma outra forma. É o que eu digo, a discrição sempre é mais importante. Sempre é melhor a discrição. Então assim, já tem muita distinção sim. Enquanto a gente tem que fazer cinco vezes o trabalho, o homem precisa fazer só uma. Na arbitragem é a mesma coisa. O seu *erro*, como *mulher*, é cinco vezes pior do que se o cara errasse dez vezes mais do que você. Você erra um lateral, ah, se

acaba o mundo. “Porque o lateral, porque não sei o quê, não sei o quê”. Aí o cara erra lá um pênalti, uma falta e prá... Não, normal. Então não há... A carga do erro é sempre maior prá gente. E do acerto? É o contrário, né?

M.L. – É obrigação.

A.L. – É. Você tem a obrigação de acertar, ele não. *Ele tem mérito de acertar, mas você tem a obrigação.* Essa... essa distinção, essa falta de meritocracia sempre vai acontecer, com o menino e com a menina, em qualquer situação, não é só na arbitragem não. Hoje na vida da gente inteira, a gente passa por isso. Quantas vezes você precisa se provar por dia, como profissional, em qualquer área? Imagine a gente como árbitra! A gente tem que se provar *todo dia*. *Todo jogo* a gente tem que se provar. E aquele erro, você... O cara vai passar cinco anos e vai lembrar daquele erro, entendeu [riso]? É: "Eu me lembro de você, aquele lateral". Oh, meu Deus! Várias vezes eu já... O jogador... Às vezes você interpreta um lateral diferente, você viu... Às vezes o atleta não sente que a bola toca nele e sai... Você dá e pronto: "Ah, que mimimi..." Aí quando é no segundo tempo: "Ah, porque aquele lateral..." Eu: "Mas tu ainda tá falando desse lateral? Pelo amor de Deus. Já é segundo tempo do jogo e tu ainda tá falando daquele lance?". Aí o cara pára e fica... Você tem que começar a saber se sair dessas coisas, sabe? Sempre em cima da lei, da lei. "Cumri a regra. A regra diz isso, isso e isso. Você burlou a regra". Porque é a melhor maneira de você se sair desses bate-papos que eles vêm de vez em quando, sabe? Você tem que... Na vida, tudo que você for fazer, você tem que dominar *muito*. Tem que ter muito conhecimento prá você usar isso a seu favor, principalmente na hora de você se sair dessas situações. Porque tem muito árbitro aí, masculino, que não sabe nem a regra do jogo. O cara pergunta a você e ele não sabe. "Ah, é porque..." Na medida em que você chega assim: "É por causa disso, disso e disso e a regra fala isso, isso e isso". Então você tem que ter lastro prá fazer as coisas, entendeu? Segurança, porque é muito tranquilo. "Por que você fez isso?" "É por isso, por isso e por isso". Mas você tem que se provar todo dia. Não tem jeito.

M.L. – Alane, a que você atribui o número tão reduzido de mulheres na arbitragem do futsal?

A.L. – Ai... [suspiros] Às barreiras, né, que são muitas. A gente começa as barreiras nos cursos, né? Primeiro, assim, pra... Hoje, eu costumo muito dar curso e eu vejo muita gente que não é do esporte vindo fazer curso de árbitro. Já é uma dificuldade imensa, um bloqueio gigante, porque você não tem vivência do esporte. Quando você é atleta, ou foi atleta, já jogou... Geralmente é quando você foi atleta, né, que aí depois você vira técnica... "Não, agora eu quero ser árbitra". É mais fácil porque você tem a vivência daquilo ali, certo? Mas se você não tem vivência de nada, aí: "Não, vou ser árbitra". Chega e aí a primeira coisa que tem... Hoje em dia a gente tem... Os meninos, já nos cursos, eles... Vamos dizer assim, eles têm muito assédio com as meninas e as meninas têm medo de entrar naquele ambiente, porque vão ser tachadas disso ou daquilo. Então existe um *preconceito*, uma *barreira social* muito grande prá que elas entrem nesse ramo, entendeu? Tem a dificuldade. Em nenhum curso eu minto prá elas: "Não é fácil, gente. A posição prá você que é árbitro, que tá começando, não é fácil. E prá você que é menina, é três, quatro, cinco vezes mais difícil, mas se você quer, lute por isso, porque eu lutei e cheguei". Eu sempre me uso como exemplo, é muito mais fácil, né? "Estou aqui, de corpo presente prá vocês, e consegui tudo que vocês querem, almejam hoje, mas eu precisei lutar? Precisei. Precisei me sacrificar? Precisei. Mas em tudo na vida da gente tem que ser assim, tem que ter um sacrifício, porque tudo que vem fácil vai fácil também, né?" Então sempre tem isso, tem essa barreira muito grande também, né? E existe uma taxaçoão muito grande da questão sexual das meninas: "Ah, porque..." É assim: se você dá bola prá eles, desculpa a expressão, mas você vira puta, e se você não dá bola é porque você é sapatão. Então é isso, tem *muito* isso, as pessoas *rotulam* demais as meninas, né? E elas... Têm muitas delas que têm medo de enfrentar essa situação, enfrentar essa situação socialmente. Como é que você vai explicar em casa que você é árbitra, né? O pai, às vezes, tem esse preconceito, já tem essa cultura do futebol, de que futebol não é lugar prá menina, não sei o quê. Então, às vezes, tem uma que desafia, mas a maioria não tem coragem de desafiar, esse... de quebrar esse bloqueio, né? Então tem muito disso, sabe? Mas é questão de... Eu acho que a questão de rotulação hoje conta muito. Eu vejo muitas meninas, assim, que têm receio de entrar nesse meio e tudo, prá não ser rotulada de uma coisa ou de outra coisa.

M.L. – E na tua opinião, o que poderia então ser feito prá que esse número de mulheres na arbitragem do futsal nordestino e até brasileiro, pudesse aumentar?

A.L. – Isso é um trabalho que é feito em casa, nas Federações. As Federações têm que abrir espaço e têm que *proteger* essas meninas. Proteger de todas as situações. Tem muita situação de assédio, tem muita situação de constrangimento social que elas passam. Os meninos não sabem tratar. Então assim, as Federações têm que... Querem promover o feminino? Tá. Então promovam da forma certa. Tem que promover, tem que incentivar e tem que proteger, prá que quando elas estiverem com o coro grosso, aí você pode: "Ah, vamos tirar um pouquinho a proteção, porque ela já pode ir sozinha com as próprias pernas". Nesse ambiente masculino a gente tem que fazer uma proteção pras meninas e isso só começa nas Federações. Não adianta você querer fazer um quadro nacional, se os quadros regionais estão enfraquecidos. Isso não vai acontecer. Então você tem que fazer um trabalho doméstico certo. De trabalhar, de melhorar, de ajudar as meninas, de incentivar, de lapidar as meninas, de colocar as meninas no tempo certo, no jogo certo, na hora certa, com o companheiro certo, entendeu? Então tem todo um traquejo e só vai fazer isso quem tem... quem se importa com isso. Então tem que partir de uma menina ou de uma pessoa que seja apaixonada pelo futsal feminino, pela arbitragem feminina, porque enquanto não for assim, não vai ser feito. As Federações não vão fazer. Tão nem aí, ô. O cara nasceu cobra criada? Tá bom. Vai prá tudo. Agora, não nasceu? Vire-se. Entendeu? Então esse trabalho tem que ser caseiro, das Federações, prá que o quadro se fortaleça regionalmente, prá que ele nacionalmente se fortaleça e a gente tenha uma reposição boa lá no internacional, porque você vê que a reposição não foi à altura. Particularmente, assim, sem falsa modéstia, sem falta modéstia, substituir Alane e Renata no quadro FIFA...

M.L. – É complicado.

A.L. – É complicado! Porque a gente tem uma bagagem, tem um lastro; a gente tem personalidade muito forte, têm as coisas muito definidas, o que é, o que não é, o que quer, o que não quer, entendeu? Diferente das meninas que estão chegando. Por quê? Porque elas não foram preparadas regionalmente. Porque elas não trabalham o masculino regionalmente. Então, como é que elas vão trabalhar o... internacionalmente? O escudo não vai fazer tudo por elas. Então esse trabalho tem que ser em casa, caseiro. Você tem que incentivar, você tem que proteger, você tem que dá condições prá que elas tenham a evolução, prá que cheguem num patamar maior como a gente chegou. Nós somos assim... Vamos dizer, nós somos aborto, né? Sair duas árbitras FIFA da Paraíba, né? Do Nordeste,

que é uma coisa raríssima, e a gente se sustentar por tantos anos. Poderia ter se sustentado mais? Sim, se tivesse vontade *política* disso acontecer, mas não teve. Tinha muita força lá, do lado lá, prá tomar os escudos daqui.

M.L. – Quantos anos de FIFA, Alane?

A.L. – Doze anos. Dois mil e... Dois mil e sete a dois mil e... Doze anos. Dois mil e dezessete... Doze anos. Foi muito tempo.

M.L. – É uma história...

A.L. – É. Verdade.

M.L. – Considerável.

A.L. – É... Eu... Eu tô no quadro nacional de 2001 pra cá, então são o quê? Nem sei quantos anos.

M.L. – Dezoito anos.

A.L. – Dezoito anos, né?

M.L. – É uma vida...

A.L. – É uma vida!

M.L. – É uma maior idade na arbitragem.

A.L. – É uma maior idade. É verdade. Então a gente tem uma história muito... O lastro da gente é muito grande, sabe? A escola que a gente tem aqui na Paraíba, difícil ter em outro lugar, viu? Mas a gente ainda... Eu ainda acredito que vamos fazer outra FIFA, eu creio, tenho fé. Vou fazer muita força prá isso, assim, vou ajudá-la, porque eu gosto muito dela, é uma menina boa, uma menina humilde, uma menina descente, sabe? E tem muito futuro,

muito futuro mesmo, acredito demais nela, *demais* mesmo. Assim... Minha amiga, mas assim, tirando a amizade e tudo, o bem querer que eu tenho, ela como profissional é competentíssima. Eu digo porque eu me vejo. No tempo que ela começou, no tempo que a gente começou, a gente tem... a gente tá se vendo, é aquilo ali. Então é muito gratificante quando você encontra uma pessoa que você é... que vira uma referência sua também. Eu tô me vendo naquilo ali, entendeu?

M.L. – Os primeiros passos prá você relembrar...

A.L. – Então eu tenho *muita* obrigação de ajudar, *muita mesmo*. Eu tenho obrigação *moral*, como pessoa, de ajudar e vou ajudar como puder. Ela vai. Eu acredito. Se ela quiser... Se ela quiser chegar, ela vai ser. Ela será. Com certeza!

M.L. – Alane, você percebe alguma diferença na condução das partidas de futebol de salão, no portar-se, entre as árbitras oriundas do Nordeste e as árbitras que vêm de outros estados do Brasil?

A.L. – Sim, eu vejo diferença. Até porque existem diferenças de comportamento regionais, né? A gente vê que o comportamento regional daqui da Paraíba é diferente do Ceará, é de diferente... O Brasil é tão continental, né? Então assim, eu vejo que a gente tem um lidar com as pessoas diferente, o pessoal aqui do Nordeste. O falar, o lidar, né? A gente tenta se aproximar mais das pessoas, dos técnicos, dos atletas, um tratar diferente. Lá não, é uma coisa muito mais fria, muito mais técnica, né? O lado emocional delas é muito diferente. Eu vejo uma condução diferente. Assim, a gente tem uma diferença de condução de jogo, a gente tem mais... é... malícia, prá algumas situações, né? A gente é mais flexível prá umas situações do que as meninas do sul. Eu as vejo muito enrijecidas tecnicamente. É aquilo, é aquilo, não muda. Elas não têm como... não tem *feeling* de jogo prá avaliar algumas situações que fogem da parte técnica, que vai muito prá parte emocional também. Então tem essa diferença. Eu vejo que tem uma diferença da questão regional, mas é por conta dos costumes das pessoas, né? Os costumes das pessoas lá, tem... São mais frias e aqui a gente é mais sangue, a gente tem um ver das coisas diferente.

M.L. – Encara como positivo ou negativo, ou não sabe precisar?

A.L. – Eu encaro como positivo o *nosso* lado, porque a gente tem a questão técnica que a gente sabe e tem a questão emocional que a gente sabe lidar. E elas têm só a questão técnica e, às vezes, o emocional... Elas não têm o jogo de cintura ideal prá você fazer a condução do jogo. Eu acho, eu vejo como a diferença do... Existiu um diretor da gente da FIFA, Jesus Rúbeo, que ele não gostava da arbitragem Sul-Americana, porque dizia que a gente era muito *malandro*. Por quê? Porque lá na Europa é tudo muito engessadinho, muito tecnicozinho e tudo, e na hora das confusões... Assim, na hora de conduzir um jogo...

M.L. – Pegado?

A.L. – Assim, *de sangue, sanguíneo*, eles não sabem lidar. E a gente era diferente, a gente é mais *malandro*, né? Então existia essa diferença. Então o sangue latino é muito diferente do sangue europeu. São a mesma coisa, algumas situações, né? O pessoal lá do centro-oeste, do sul e sudeste, tem um sangue mais... é... "europeu", entre aspas, vamos dizer assim. Vou comparando uma coisa com a outra, uma coisa mais fria. Eles não têm esse lastro de jogo de cintura que a gente tem como lidar. Então eu tenho a parte técnica e só. Eu tenho a parte técnica e emocional, então eu tô na frente. Então pras meninas que saem daqui do Nordeste, é muito mais fácil se adaptarem as situações do que elas. A gente consegue se sair de mais situações complicadas do que elas. Inclusive em questão de *relacionamento* com elas mesmas e *conosco*. A gente vê que aqui, o pessoal do Nordeste, é um pouco mais chegado um no outro, né?

M.L. – Isso.

A.L. – Existe uma... Não é só a questão profissional, mas tem a questão de amizade, respeito.

M.L. – O relacionar-se.

A.L. – É, o relacionar, o pessoal mesmo. A gente emprega o nosso lado pessoal nas nossas relações profissionais também. E lá não, é uma coisa muito fria, muito... Sabe? Apartada das coisas e cheia de restrição, né? Eu vejo esse lado nosso muito positivo.

M.L. – Alane, o que é ser mulher-árbitra no Nordeste brasileiro?

A.L. – É um desafio, viu! Todos os dias [riso]. Ser mulher árbitra no futebol brasileiro ou no futsal brasileiro, no futsal do nordeste, é você *se provar* todos os dias. *Todos os dias* você tem que se levantar assim: "Oh, meu Deus, é isso que eu quero mesmo?" Às vezes eu me pergunto, sabe? "Por que que eu fiz essa escolha [riso]?".

M.L. – É.

A.L. – Né? Mas é... É muito de você provar a si mesmo, todos os dias, sabe? Que é... Que você é capaz de fazer aquilo, como qualquer outro, como qualquer menino que tem aí, que é bom também; mas você é capaz da mesma forma. O fato de você ser mulher não influencia em absolutamente nada, muito pelo contrário, vai melhor algumas... algumas situações que eles não conseguem melhorar. A gente é muito mais sensível, a gente é muito mais austera, a gente é muito mais honesta, a gente se preserva mais, a gente se importa mais com o que a gente faz do que eles. Eu vejo *muitos, muitos, inúmeros*, que vão lá só por causa do dinheiro, não tão nem aí se o circo pegou fogo, se a Federação se ferrou por causa de um jogo que foi assim e assim. Eles saem, bota o dinheiro no bolso, tranquilos, dormem, acordam no outro dia e eu fico lá com a cabeça... Entendeu? Então tem *muito* disso. Ser árbitra, em qualquer situação, hoje no Brasil, é um desafio; prá gente do nordeste é um desafio muito maior. É o que eu digo, você tem que *se provar* todos os dias, diariamente. Acordar e dizer assim: "É isso que eu quero. É isso que eu vou fazer e eu vou continuar". Tem que se provar todos os dias, mostrar o seu valor diário. *Diário!* É uma luta diária. Todos os dias você tem que se provar. Vinte e quatro horas num dia. Aí vinte e quatro horas começa tudo de novo. Tudo de novo.

M.L. – É cíclico?!

A.L. – É cíclico. Só dura vinte e quatro horas a sua provação. Mas é... é prá quem quer, vai, pode ir em frente, tem condição. Agora você tem que abrir mão de muita coisa, *muita coisa* mesmo, *muita*. Você perde muita coisa também. Tem o lado positivo dos ganhos, tem, mas a gente também perde muita coisa. A gente sofre muito, a gente é *discriminada* demais, a gente é *afrentada*. As pessoas abrem a boca e falam os maiores *absurdos* a seu

respeito e *nem lhe conhecem*. Aquilo ali dói muito em você. "Meu Deus, uma pessoa que nem me conhece tá dizendo isso?" Entendeu? Então assim, é uma *dor muito grande* que você tem que se provar todo dia. Você gosta de sofrer, viu [risos]?

M.L. – Gostamos, né?

A.L. – Você tem que gostar de sofrer, porque todo dia você vai passar por aquilo. Você sai de casa sabendo que vai passar por aquilo, né?

M.L. – Até a sexualidade, ela é contestada, né?

A.L. – *Com certeza! Absolutamente, todos os dias, é contestada*, entendeu? Você pode ter uma relação hetero, ter uma relação homo, *não importa!* Sua sexualidade, ela é contestada *diariamente* e é *testada também*, porque as pessoas não querem saber da sua... "Ah, eu tenho... Eu sou homossexual, tenho minhas relações...", mas eles não querem saber não. É... O assédio vai ser o mesmo, entendeu? E você negar... Se negar, já sabe o que... o nome que você vai falar, né? Então assim, tem muita coisa que a gente tem que abrir mão prá poder seguir nessa... nessa luta. É uma luta diária, viu? É difícil, cansativo, às vezes. Eu já... Várias vezes parei prá pensar assim: "Meu Deus, por que que eu escolhi isso? Oh, Jesus, tanta coisa que eu podia ter escolhido diferente... Ter sofrido *menos*, ter *sofrido menos!*" Mas era uma coisa que eu queria muito... Graças a Deus que eu... Queria tanto que consegui, né? Mas se eu fosse fazer, eu faria diferente.

M.L. – Seria árbitra, mas dosaria a intensidade?

A.L. – Sim. Com certeza eu dosaria a intensidade. Com certeza, porque a gente perde mais do que a gente ganha. No final é assim, entendeu?

M.L. – A balança pesa...

A.L. – É. A balança pesa. Hoje, eu... eu equilibraria mais a balança. Eu fui 80% árbitra e 20% Alane. Eu seria 50/50, 50/50. Me doaria mais a mim, me dedicaria mais a mim também. Seria igual à dedicação. O que eu dedicaria à arbitragem, eu dedicaria da mesma

proporção a pessoa Alane, entendeu? E eu faria isso. Eu mudaria essa balança, com certeza. Digo assim, sem arrependimento nenhum. Foi ótimo, maravilhoso, tudo que eu passei, os lugares que eu conheci, as pessoas que eu conheci, os momentos que eu passei, maravilhoso! Mas eu perdi muita coisa também. Infelizmente.

M.L. – E quais foram às maiores barreiras ou problemas que você enfrentou ao longo de sua carreira como árbitra?

A.L. – A história da meritocracia, eu acho que foi a maior barreira que eu enfrentei, porque eu não entendia, eu não aceitava aquilo. O fato de eu... eu sou, eu era uma profissional melhor do que A, B, C, D e A, B, C, D estava sempre à frente, nos melhores jogos, nas finais, nos jogos mais com... nos jogos mais importantes e eu não. Eu não entendia... Eu acho que foi a minha maior dificuldade em entender... É... Chegar a compreender isso, sabe? Foi essa. É a história de assim: "Eu tenho muito mais méritos do que A, B, C e D, mas A, B, C e D estão privilegiados pelo fato deles serem meninos". E prá você chegar a um ponto de equilíbrio, de aceitar aquilo dali, você sofre muito, você pensa várias vezes em parar. Por que... Como é? Eu vou ficar dando murro em ponto de faca aqui? E aí? Não vai acontecer, vou me ferrar, vou me sacrificar e tudo e aquele... aquele fulano ali que não apita *porra* nenhuma, faz merda no jogo e tudo... Tá ali, sempre no topo, no topo, no topo, e você? Essa foi uma dificuldade grande prá você chegar ao ponto de: "Não, eu estou satisfeita com o que eu tenho, com o que eu faço, com o que eu sou". Entendeu? Você chegar ao ponto, dessa maturidade, de chegar assim: "Ah, eu não tô na final, mas tudo bem. Prá mim não importa. Eu tô fazendo o meu trabalho, *gosto* do que eu faço, faço porque *gosto*, tô fazendo bem feito, tô satisfeita e pronto", entendeu? É difícil você chegar a esse ponto, porque você briga muito.

M.L. – É muito amadurecimento, né?

A.L. – É. Porque você já *apanhou muito* prá chegar àquele momento. Tem gente que não consegue nem chegar, né? Mas eu, eu, graças a Deus, eu cheguei. "Não, tá certo, não quer... Se você não tá me colocando nos jogos, quem tá perdendo são os jogos, não sou eu". Chegar a esse ponto...

M.L. – É a leitura reversa, né?

A.L. – Exatamente! A gente tem... Eu penso assim hoje. Passei muito tempo lá no Ceará, sofri muito prá poder me estabilizar e tudo. Aí... Veio naturalmente. Aceitei aquilo ali. "Ah..." O povo dizia assim: "Alane, por que tu não apita os jogos tal? Por que tu não está naquele jogo?" Eu disse: "Não é a mim que você tem que perguntar. Você tem que perguntar ao meu Diretor, que é quem escala. Não sou eu quem escalo". Nunca cheguei prá pedir escalar a ninguém, a questionar por que que a Federação não me bota nos jogos e bota fulano? Ou por que que eu não tô nesses jogos? *Nunca!* Em *nenhuma Federação* eu fiz isso. Eu disse: "É, cê não quer meu trabalho, então paciência".

M.L. – Alane, que avaliação você faz a respeito da inserção das mulheres no cenário do futsal nordestino e brasileiro, como técnicas, como árbitras, como atletas?

A.L. – Olha, assim, a gente tem que fazer uma divisão, na verdade, né? Atletas a gente vê muitas. São tão batalhadoras quanto nós, sofrem tanto quanto nós. Tem a questão da meritocracia, tem a questão do... do preconceito, tem a questão das barreiras. O sofrimento de atletas é o mesmo de... de oficiais de arbitragem. É a mesma proporção. Só que elas na realidade delas e nós na nossa. A inserção do pessoal de comissão técnica, no Brasil, é *zero, zero* no Brasil. *Zero!* Nós tivemos *uma* técnica da Seleção Brasileira de futsal e só.

M.L. – Ana Cristina, né?

A.L. – E nós vamos a campeonatos, a competições, e ainda assim a gente não vê técnicas. Eu acho que é... Dos três seguimentos o pior, o que sofre mais preconceito, que sofre mais barreiras, é como técnica e o pessoal de comissão técnica. Preparador físico... Tudo. Você não vê...

M.L. – Nas três instâncias? Municipal, estadual e federal? E no exterior?

A.L. – Nas três instâncias. E lá ainda é pior, no internacional. Você não vê *mesmo!* *Zero* participação de meninas em comissão técnica. *Zero!* Então assim... é... Tem que ser em três seguimentos, né? O seguimento da arbitragem, que é menos; o das meninas, sempre tem

mais, claro, porque a prática é maior, né? A arbitragem sofre um pouquinho mais, na inserção, mas não tanto como o pessoal de comissão técnica. No Brasil é *zero*. Zero. Cê vê assim, num universo de *mil equipes*, você vê uma técnica. E ela sofre, viu?

M.L. – Por vezes é psicóloga, né?

A.L. – Com certeza!

M.L. – Quer dizer, prá não dizer que não tem nada, tem a psicóloga, né?

A.L. – Exatamente! Entendeu? Então assim, em relação ao desporto feminino, o Brasil tá muito atrás de muitos países também, sabe? Não dá oportunidades, também não tem formação, né? A gente vê hoje que não é só o feminino que sofre, o masculino também tem sofrido muito, porque não existe formação prá essas pessoas. Você não é só técnico, não é só entregar camisa e fazer uma parte técnica, você tem que ver a questão emocional do atleta, do pai, não sei o quê. Eu sempre falo que os treinadores da categoria de base, eu os tenho como heróis, né? Porque ninguém merece você fazer um jogo de sub 8, sub 9, sub 7, e o menino olhar mais pro pai do que prá você. Você sofre, grita, berra, se esgoela. Eu entendo o lado deles, às vezes, quando eles perdem, se revoltam, tem briga com os pais, sabe? Mas a gente, hoje, tem uma formação técnica muito ruim na base. Eu vejo técnicos, eu vejo as pessoas com... Você não tem como tratar uma criança de oito anos com... com esporte de alto rendimento. E as pessoas querem tratar como esporte de rendimento e não tá certo. Eu vou tratar eles como criança, eu vou apitar o jogo deles como se eles fossem uma criança. E achem ruim quem quiser. Se não quiser, faça um documento e bote prá Federação e diga que eu não apito mais jogo seu. Porque eu vou tratar os meninos como criança, entendeu? De um lado e de outro, porque é a maneira como eu vejo as coisas. Mas a gente vê muito os pais, os técnicos, não sei o quê, tem uma formação muito ruim, sabe? Falta orientação prá essas pessoas, prá tratar as crianças como crianças. Eu vejo muito problema na base. É tanto que hoje os garotos... A gente não consegue fazer uma competição sub15 mais, porque os garotos já estão *no limite*. Eles não querem mais jogar, porque eles já foram muito cobrados. Só um ou outro que ainda é... Tem aquilo dali na veia e tudo, mas a maioria não quer mais. Por quê? Porque a formação tá errada do início.

Tratar menino de oito anos como esporte de alto nível? Não existe, gente. A cobrança... Não existe você cobrar uma criança dessa. Não existe.

M.L. – É jogada A, jogada B...

A.L. – É, entendeu? Eu num... Eu fico olhando os trouxas dos treinadores: "Ah, é porque faz a marcação Y, não sei o quê, não sei o quê". Eu fico só olhando assim: "Até parece que o menino entende" [risos].

M.L. – Alane, como é para você ser ídolo? Ser referência para inúmeras mulheres que adentram no mundo da arbitragem e que vivenciam os vários desafios diários inerentes a essa função, que é tão espinhosa e, às vezes, tão prazerosa? Como é ser ídolo, ser referência, hoje, na arbitragem de futsal no Brasil?

A.L. – Eu não me sinto assim [riso]. Vou ser bem sincera contigo. Não me sinto assim, ídolo, referência... Não me sinto, sabe? Eu procuro ajudar as pessoas que... que procuram, que querem ser ajudadas. Sempre! Que as que não querem, respeito, entendo o ponto de vista delas. Mas eu não me sinto assim, ídolo, referência... Não sei. Nunca me senti assim, dessa forma, sabe? Se realmente for isso, se for acontecer, eu me sinto muito lisonjeada, porque eu gosto de ensinar as pessoas. Eu acho que conhecimento é uma coisa que a gente adquire e que a gente tem que passar prá frente, né? É bom, é importante, eu gosto de fazer... de trabalhar com formação de árbitros, dar curso. Eu gosto muito, porque eu acho que aquele conhecimento e aquela vivência que eu tenho, eu tenho que passar pras pessoas, porque ela não serve mais prá mim. Acabou prá mim, não tem mais a utilidade que tinha antes, né? Mas prá eles pode ter utilidade. Se a gente conseguir levar mais um árbitro daqui da região pro quadro internacional, prá mim é o ápice. Eu vou me sentir muito mais satisfeita do que se eu mesma tivesse ido, entendeu?

M.L. – É porque assim, como você está dentro do processo...

A.L. – A gente não tem essa noção.

M.L. – Vocês não têm noção... é... do que é prá gente, arbitragem feminina de futsal, ser nordestina, adentrar num campo que é altamente complicado de... Não só enquanto região, mas enquanto condição de gênero, né? Então assim, acho que vocês não conseguem precisar, às vezes, o grau de importância que vocês têm prá gente, que chegou um tempo depois e que já encontrou os espinhos um pouco aparados, as arestas um tanto quanto mais igualitárias, embora não sejam... A referência de vocês é algo muito forte. Eu tiro por mim, que sou árbitra, que tenho menos rodagem do que você... E ver você e Renata apitar, prá mim hoje, é referência. Eu quero um dia chegar... Quando eu for grande [riso], eu quero chegar a apitar o que as meninas apitaram. Vocês são referências. Acho que vocês não têm noção, não entendem a proporção do que vocês fizeram prá gente enquanto futsal, enquanto arbitragem no Nordeste. É algo muito grande.

A.L. – A gente não tem essa noção, sabe por quê? Porque nunca foi dito. Por exemplo, eu acho que falta às nossas instituições reconhecerem o trabalho que as pessoas fizeram no início, principalmente no início que sempre foi mais espinhoso. Ninguém nunca chegou prá gente, da Federação A, da Federação B, da Confederação e disse assim: "Vocês têm muito mérito, porque vocês foram referência". *Nunca* chegaram prá gente prá falar isso. *Nunca!* Então a gente não se sente assim. As meninas, muitas delas, nunca chegaram prá gente e disseram isso. Você é uma das poucas que tá falando isso agora, entendeu? A meritocracia, o reconhecimento do valor das pessoas, não é feito no nosso esporte. Nas nossas Federações... Você serviu a Federação *vinte anos*, foi quadro nacional, representou bem o seu estado em todas as competições nacionais que você foi, chegou à semifinal, chegou à final, ninguém nunca chegou prá você e disse assim: "Olha, Alane, obrigada. Você foi uma referência pra nós". Entendeu? Então a gente não tem essa noção, porque nunca foi dito, entendeu? Nunca foi falado. Nunca chegou um dirigente prá você e lhe disse isso. *Nunca*. Não sei se é porque a gente é mulher, mas eu vejo muito isso no masculino também. Eu vejo pessoas que serviram vinte anos no quadro nacional, representaram bem, serviram a Federação, foram para os piores tocos do mundo. Federação botou... botou você na encrenca e tudo. O cara deixa a Federação, vai prá outras coisas, aí vira... é renegado da Federação, sabe? Eu não enxergo as pessoas assim. Eu tenho muitos amigos que deixaram a Federação e que... Fazer feito o outro, saíram pela porta de trás.

M.L. – Depois de tanta coisa...

A.L. – Depois de tanto sacrifício...

M.L. – Serviço prestado...

A.L. – Tanto serviço prestado. Você prestou serviço durante... Você sacrificou vinte anos da sua vida e não chega ninguém prá você, seu diretor: "Alane, muito obrigada por... pelo que você fez. Você ajudou, você fez isso, você..." *Nunca!* Nem chegar assim, pessoalmente, e falar assim prá você. Não existe esse reconhecimento prá nós.

M.L. – Pois se sinta reconhecida e referendada.

A.L. – Me sinto reconhecida e referendada por você agora, amiga. E por... Tem algumas, lógico! Chegam e falam, né? Falam com a gente com admiração... Tem gente que trabalha... vai trabalhar a primeira vez com a gente numa competição que nem... Eu digo por uma menina, a Gisele, do Rio de Janeiro, que foi trabalhar comigo lá em Natal, ano passado, Jogos Escolares, né? Aquela competição escolar e tudo, e chegou e não sei o quê, não sei o quê: "Ai, porque eu..." Eu disse: "Mulher..." [risos] Eu tava com vergonha já, né [riso]? Mas assim, eu não me sinto assim... Eu não me sinto diferente de você.

M.L. – Mas assim, mas a tua bagagem...

A.L. – Eu não me sin...

M.L. – Não tem como negar. A gente não tem como precisar assim, né?

A.L. – Eu não me sinto melhor. Eu não me sinto melhor do que ninguém. Eu não me sinto melhor do que uma pessoa que começou agora. Eu não me sinto melhor do que uma pessoa que sempre trabalhou comigo. Eu não me sinto diferente delas, eu me sinto como você se sente, como árbitra. Prá mim é a mesma coisa. Tô falando aqui... na mesma altura.

M.L. – Mas assim, o que você viveu, né? Por mais que eu tenho vivido, nunca vai... O patamar vai ser maior, né?

A.L. – Não, nós tivemos experiências muito diferentes.

M.L. – Pronto. Foi o que eu disse aqui. Quando eu fui arbitrar com você, nas competições que a gente apitou nacionalmente, eu tive o privilégio de atuar com você. Eu pude atuar com as *melhores árbitras* que a Confederação podia ter. Então assim, eu arbitrei com você e eu não sabia se eu apitava o jogo [riso] ou se eu dizia assim: "Pô, eu tô com Alane, eu tô com Renata". Então prá mim pesou muito, porque essa coisa do... Tem que se reconhecer, né? O trabalhado que é feito, a energia que é gasta, o esforço que foi emp... tem que ser reconhecido!

A.L. – Sacrifícios...

M.L. – Os sacrifícios que vocês fizeram. Então, se hoje eu sou quadro nacional, eu devo muito a você, eu devo muito a Renata, eu devo muito a...

A.L. – A gente chegou primeiro...

M.L. – A Jaqueline, então vocês desbravaram o caminho.

A.L. – É verdade. Eu também vejo dessa forma. Infelizmente não são todos que vêm assim, né? Principalmente o pessoal mais jovem, que tá chegando agora no quadro, eles não têm essa mesma visão, né? Mas eu vejo muito que é a questão de regionalismo, né? O pessoal regional trata você com um valor diferente, entendeu? Trata você com um valor diferente. Tem muito disso também, né? Mas assim, eu particularmente, Alane, não me sinto nem superior nem inferior a ninguém. Prá mim eu tô falando com uma igual aqui. Apesar de eu ser... ter tido experiências diferentes da sua, prá mim, o meu trabalho é igual ao seu, não tem a menor diferença. Por que que eu vou me sentir diferente? Não vou, não tem necessidade nenhuma de você se sentir diferente da outra. Ah, porque é uma pessoa que tá começando agora... Qual a diferença de mim prá você? Que eu sou mais experiente do que você. Mas você tem capacidade de apitar o jogo do mesmo jeito que eu apito,

entendeu? Eu num... Eu não vejo diferença nisso. Eu não consigo me ver, me enxergar num patamar... Não consigo. Nunca consegui. Nunca fui assim, entendeu? Prá mim não tem... não tem mérito nenhum em ser diferente.

M.L. – E aí, quais foram às emoções, quais foram às tensões, as alegrias, as angústias, que você vivenciou nas competições internacionais que você trabalhou? Como foi estar num *Grand Prix*? Como foi estar no Chile? Quais turbilhões de emoções você vivenciou?

A.L. – A gente sofre muito. É um ambiente, assim... Assim, no final, quando tudo passa, que termina tudo bem, a gente... Às vezes a gente vai sozinha, às vezes a gente vai com uma ou outra companheira nossa e fica mais fácil prá gente dividir as coisas, né? Mas assim, quando eu tive o privilégio... Nos últimos anos que eu tive de FIFA, eu tive o privilégio de ir às competições que iam só meninas. Eu fui... Eu acho que em três Libertadores, quatro Copas América, com as meninas. Todas as árbitras da Sul-Americana foram, menos Renata. Renata, por algum motivo particular, de trabalho e tudo, ela nunca tava podendo ir com a gente, então assim... prá fazer essas competições. Então era muito bom, era muito mais confortável, você estar com as meninas e tudo. Existia... É... Elas olham prá você de uma forma diferente, as árbitras de fora, prá o pessoal do Brasil, porque é diferente, o patamar realmente é diferente, entendeu? Mas em nenhum momento a gente as trata de uma forma diferente, inferior, por conta disso. Mas assim, é... Emoção a gente sempre tem muitas. Eu acho que assim... O mais, o maior... Como é que eu vou dizer? Minhas maiores recompensas são os... são as questões pessoais que eu tenho com as pessoas. A convivência pessoal com elas, conviver um pouquinho, conhecer um pouquinho de cultura diferente e tudo. A *amizade* que a gente faz, sabe? É isso que no final sobra prá gente, porque emoção de jogo, já não tinha mais graça em algumas situações, porque a gente já passou tanta coisa aqui no Brasil que, internacionalmente, prá gente, era mais um jogo. Se eu fosse apitar a final de qualquer coisa, prá mim era um jogo a mais e só. Não ia ter diferença, porque a gente liga o piloto automático, vai e faz aquilo ali. Mas... Muito mais fácil apitar um jogo internacional do que um jogo aqui, lógico! Que não tem rivalidade, não tem emoção, não tem aquela... Aqui é uma coisa muito... É sangue, é muito passional de tudo, né? Mas assim, as emoções mais... Prá mim, as coisas mais importantes que ficaram, são as relações pessoais que a gente troca com pessoas tão diferentes de nós. Pessoas de culturas diferentes, de... As meninas da Venezuela, elas relatam coisas prá

gente... Assim, é um sofrimento muito grande prá aquelas pessoas, sabe? Você chega sai com o coração amassado, porque elas dizem que têm dinheiro e não tem o que comprar, não tem o que com... Não tem. Elas, as meninas muitas vezes iam, compravam... Iam com a mala... Chegavam com a mala seca, voltavam com a mala cheia de produto de limpeza, shampoo, sabonete, essas coisas que não tinha... *Comida!* Biscoito, que levava pros filhos, que não tinha lá. Você tem o dinheiro e você não consegue comprar, porque não tem. *Papel higiênico, gente!* Muitas delas relataram que não tem como comprar. Então assim, é uma situação desumana. Gente que sofria porque não conseguia fazer... É... Trabalho físico, porque trabalhava o dia todo e só podia fazer à noite. Assim, os relatos são inúmeros, de várias pessoas. O sofrimento só muda de endereço, o sacrifício só muda de endereço, sabe? Mas todas elas têm muitos sacrifícios e enfrentam muitas barreiras também. Do mesmo jeito que a gente enfrenta aqui, elas também enfrentam *várias barreiras* lá fora. Não apitam um jogo masculino. Uma ou outra estão apitando agora, porque começou FIFA e tudo, e a CONMEBOL insiste com as Federações lá, prá poder colocar as meninas e tal. Mas... Meu diretor, a última vez que eu tive com ele, o César Figueiredo, ele disse assim: "Alane, quantos jogos você apita por mês?" Eu digo: "Vixe!" Aí comecei a fazer as contas. Digo: "César, mais de cem". Tem gente que apita vinte por ano. Eu apitava *por mês* cem jogos.

M.L. – Um quantitativo muito diferente.

A.L. – Muito! Lá em Fortaleza eu apitava cem jogos por mês, pelo menos. Eu apitava *todo dia*.

M.L. – Então você vivia de arbitragem em Fortaleza?

A.L. – Lá em Fortaleza era. Em alguns momentos eu vivi de arbitragem. Teve uns... Vamos dizer assim... Setenta por cento do tempo foi disso, os outros trinta eu tava com trabalho e tudo. Conseguia... Mas a maioria era, porque todo dia tem jogo. Então as mesmas dificuldades que elas têm, nós também temos aqui, só muda a proporção. Entendeu? Então assim, o que fica prá... de fato prá gente é só essa história de você aprender com as pessoas, porque você aprende muito com as pessoas. O que mais o esporte me deu foi aprender a me relacionar com todos e com tudo. Enfrentar todo tipo de situação

prá poder me sair de todo tipo de situação. Hoje eu sou capaz de trabalhar em qualquer coisa. Capaz de liderar uma equipe de cem pessoas e tentar me relacionar com pelo menos oitenta por cento dela, bem. Porque não tem como você ser cem por cento, né? Então assim, a relação com as pessoas foi o meu maior ensinamento que o esporte me deu. Prá minha vida, porque ele traz prá sua vida. Saber lidar.

M.L. – Alane, além de tudo que a gente conversou aqui, haveria algum ponto, alguma informação que você quisesse externar, relatar, publicizar e que a gente não tenha falado?

A.L. – Eu acho que a gente falou de quase tudo. Não me recordo, assim, de coisas que a gente deixou de falar. Eu só queria que o trabalho com a arbitragem feminina não morresse, né? É uma coisa que eu tô vendo, que as coisas estão morrendo, tão... tô vendo muito isso e eu queria que não morresse. Mas isso depende muito da questão local, das Federações se importarem com isso, quererem que o feminino continue vivo, prá que do regional, o nacional também continuar vivo, porque quem abastece o nacional é o regional. Então assim, depende muito das Federações e eu não vejo vontade política de isso acontecer. Eu já vi. Quando era porque você precisava prá preencher as quatro vagas, porque você recebia dinheiro da Confederação, porque os seus árbitros viajavam, eram representados, né? Eu via interesse, mas era porque tinha um... um...

M.L. – Retorno.

A.L. – Um retorno por trás. Agora que as vacas... Não tem mais vaca, né? Não tem mais viagens, não tem isso... Então deixam morrer. O masculino já tá numa crise grande. A gente tem poucos árbitros, hoje. A nossa... é... vamos dizer assim... A nossa renovação não é boa, tanto no masculino quanto no feminino. Não tá sendo boa. Essa geração não é boa. Assim, a renovação não é a altura do que tinha antes. A gente tinha árbitros muito experientes, muito bom árbitro. Hoje em dia não. Hoje em dia as pessoas se importam só com o que vai receber, né?

M.L. – Status de estar.

A.L. – É. O status, o fato de ser quadro nacional e tudo, mas não se comporta a altura daquele escudo que a gente já honrou tanto, né?

M.L. – É.

A.L. – A gente já honrou muito aquilo ali, entendeu? As pessoas não honram mais isso.

M.L. – Prá gente tinha o peso, né?

A.L. – Não tem mais valor, não tem mais aquele peso. Não tem valor! O valor é o valor financeiro, o valor do status, do... Dessas coisas aí que eu não gosto, né? Mas, a gente tem um... Tá numa crise grande, né? A gente tem... Particularmente eu acho que a gente tá numa crise de comando também... É... Perdeu o comando de algumas situações, perdeu a mão. Sabe quando perde a mão do jogo? Mais ou menos isso. A gente precisa de renovação. O Brasil já era prá ter formado instrutores prá espalhar o conhecimento no Brasil inteiro.

M.L. – Hoje a Confederação não tem instrutores?

A.L. – Não tem. Não tem.

M.L. – Como é que você consolida um quadro se você não tem...

A.L. – A gente já teve tanto árbitro FIFA bom. Podia ter feito instrutor. Noildo... Brechane é um instrutor CONMEBOL, mas só tem ele. Aí tem... Já teve tanto árbitro bom ali em São Paulo, ali naquela área, que poderiam ser instrutores...

M.L. – E as próprias pioneiras do quadro...

A.L. – *Com certeza!* A gente podia fazer uma formação...

M.L. – Você e Renata podiam fazer formação no quadro feminino.

A.L. – *Claro! Com certeza.*

M.L. – Porque... Até porque o trato é outro.

A.L. – É diferente, é diferente, entendeu? A gente ia dizer os espinhos, as... Porque a gente já tinha passado por tudo aquilo, né, fica mais fácil. A Confederação... A CONMEBOL tem um projeto prá fazer... trabalhar com formação de instrutoras femininas. Na CONMEBOL é assim: só pode ser *instrutor* quem foi árbitro FIFA.

M.L. – Hum...

A.L. – Então existe um projeto aí, que eles estão trabalhando desde quando eu ainda estava no quadro. O meu diretor veio me perguntar e tudo e disse que tinha essa intenção. Só quem saiu do quadro, até hoje, foi eu e Renata [riso]. Só tem nós duas. Porque a gente era... Então vai começar a sair o pessoal agora, começar a renovar mais, aí eu acho que eles... Quando eles tiverem um grupo maior, eles vão fazer esse trabalho, mas eu não sei se eu tô disposta mais não. Eu não sei se daqui prá... Se eu chego a isso não, sabe? É... Eu tenho que pensar muito nisso, sabe, amiga, porque... Cansada, tô cansada, tô *exausta* disso. Tô no meu limite mesmo de esporte, de arbitragem, sabe? Eu me deparo com situações hoje que são *inacreditáveis* ainda; num tempo desses, né? E eu não sei se... Assim... Eu estabeleci um limite prá mim de quarenta e cinco anos, né? Só faltam dois. Então... Eu... talvez antes disso eu pare. Posso trabalhar até com formação, certo? Se eu tiver vontade, porque prá eu fazer as coisas... Eu só faço o que eu tenho vontade de fazer. Eu não me submeto a coisas que eu não tenho vontade de fazer. Tem que ter tesão, tem que ter vontade, sabe?

M.L. – Tem que ter o frio na barriga.

A.L. – É, tem que ter. Porque senão não tem graça, né? Você vem de lá só prá pegar o dinheiro e aí é sem graça.

M.L. – Quando você fala de situação limite que você se depara ainda hoje, é com relação a quê? A instituição?

A.L. – Instituições que ainda não valorizam as pessoas que se sacrificam tanto por elas. Eu vejo... é... agressão de árbitro num tempo desse, gente. Agredir a menina... Tudo bem que... Mas não importa. Isso podia ser menina, menino... Eu vi um, um... O ano passado, um rapaz aqui nos Jogos Universitários, foi *espancado*. *O árbitro, gente! Aqui dentro do ginásio. Espancado! Absurdo isso!* Num tempo desses!

M.L. – Em pleno século XXI...

A.L. – Olha o século que a gente tá!

M.L. – Civilidade, né?

A.L. – Entendeu? E as pessoas chegam, xingam... Falta pouco... É um negócio assim, sabe? Eu não sei se eu consigo mais...

M.L. – Conviver?

A.L. – Não sei se eu... Não tenho mais estômago prá algumas situações. Eu vejo questões de... vaidade dos árbitros. Os caras... Assédio com... com as, com os outros. O povo só pensa em dinheiro e perdoa a expressão, comer as meninas, não sei o quê. E eu não sei se eu... Porque eu não tenho mais estômago prá isso. Não tenho mais. Já passei por tudo isso aí e eu vejo hoje acontecendo ainda, gente. Nada mudou, mudou muito pouca coisa.

M.L. – Dezesete anos depois...

A.L. – Pouca coisa mudou, entendeu? Porque pessoas continuam com a mesma mentalidade. Indiferente. Eu não sei. Se você disser assim: "Alane, e daqui prá frente?" Não sei. Até onde eu tiver vontade, um pouquinho de motivação, *pouquinha*, eu vou. Mas tá no final já. Tô no meu limite, já. No limite mesmo. É tanto que eu deixei o quadro FIFA, assim, num... não sofri, entendeu? *Absurdo* a Confederação promover um... um teste e você ter que pagar do seu bolso. *Absurdo! Absurdo!* Entendeu? E você... "Ah, não passou..." Você tem que bancar tudo de novo. Entendeu? Aí eu cheguei do teste e pensei, pensei assim: "Meu Deus, não quero mais isso não". Tava no... Assim, no meu limite.

“Não quero não. Não vou não”. Foi na manhã do teste e eu avisei a ele: "Olha, desculpa, mas eu não vou... é... não vou pegar..."

M.L. – Você banca da... Deslocamento?

A.L. – *Tudo!* Passagem aérea, deslocamento do aeroporto prá tal canto, alimentação, tudo. A Confederação não lhe deu uma garrafa de água.

M.L. - E você é do quadro... Então você tem que bancar o teu próprio TAF<sup>22</sup>?

A.L. - Exatamente. Nem água a Confederação... "Toma aqui cinquenta reais. Olha, cinquenta reais prá cada uma, prá comer". Nada. E por que é que eu tenho que aceitar isso? Eu não sou obrigada. Já tava no meu limite mesmo e disse: "Homi, quer saber de uma coisa? Fique com seu escudo. Dê prá quem você quiser. Não vai me fazer falta". E não fez. Não faz a menor falta. Aqui é uma briga danada e eu não uso o escudo do quadro nacional aqui. Eu fui fazer um jogo sábado, aí a bolsa tava no... no ginásio. Aí desmaiaram na mesa. Eu no jogo, aí disse assim: "Maiara, cadê o escudo de Alane? Alane não é FIFA?" "Não painho, não é FIFA mais não". "E ela não é quadro nacional não?" "É". "E cadê o escudo dela?". Aí ele chegou assim: "E cadê seu escudo?" Eu disse... Eu tenho o escudo da Federação e eu disse: "Tá aqui, olha. *Esse* é o meu escudo. Da minha Federação". É quem me mantém todo dia. Eu não uso não, aqui não, só na marra, só obrigada [risos]. Então... Eu não vejo a menor necessidade disso mais. Não tenho apego a essas coisas. Não tenho. Eu tenho apego às pessoas. Me fazem falta, entendeu? Mas a coisas... É momentâneo. A gente ali passa. É a vida. Estamos aqui de passagem, entendeu? É bem isso.

M.L. – Alane, eu queria agradecer a tua valiosa contribuição para o trabalho... Dizer que eu tô muito feliz de ter te ouvido, né? Que foi um bate-papo muito prazeroso. Dizer que o trabalho vai ser produzido e que sua parcela de contribuição vai estar sendo reconhecida, vai estar lá expressa, registrada, porque o intuito do trabalho também é esse, é que nós possamos reconhecer o que vocês fizeram. Vocês fizeram e fazem história. A gente deve muito a vocês. Então, se esse reconhecimento, se ele não é institucional, que ele seja pelo menos pessoal, né?

A.L. - Com certeza. Eu acho que é o que mais vale, que é o pessoal, né? No final das contas é o que vale. Eu sempre digo isso. As relações pessoais é o que, no final das contas, ficam prá nós, né? Tive muitas... Conheci muitas pessoas, tive o contato com pessoas de culturas diferente, de países diferentes, e isso é o que gratifica a gente na vida, sabe? O que eu puder contribuir, também, ainda... Se eu puder, se eu tiver vontade, assim... tiver energia prá isso ainda, se eu ver que o ambiente é legal, eu ainda vou contribuir muito. Eu espero que... Eu ainda quero escrever um livro. Eu espero que essa sua pesquisa seja a base do meu livro [risos].

M.L. – Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>22</sup> Teste de aptidão física.